



TOBIAS UPTMOOR PAULY

**MEMÓRIA SOCIAL E BRINCADEIRAS NA ATENÇÃO À PESSOA IDOSA:
UMA PESQUISA VISANDO À ELABORAÇÃO DE UM CURSO DE EXTENSÃO
PARA GESTORES E PROFISSIONAIS NO CAMPO DO ENVELHECIMENTO EM
CANOAS E SÃO LEOPOLDO/RS**

CANOAS, 2020

TOBIAS UPTMOOR PAULY

**MEMÓRIA SOCIAL E BRINCADEIRAS NA ATENÇÃO COM IDOSOS:
UMA PESQUISA VISANDO À ELABORAÇÃO DE UM CURSO DE EXTENSÃO
PARA GESTORES E PROFISSIONAIS NO CAMPO DO ENVELHECIMENTO EM
CANOAS E SÃO LEOPOLDO/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito parcial para obtenção do título de mestre. Linha de Pesquisa: Memória e Linguagens Culturais.

Orientação: Prof. Dr. Lucas Graeff

Coorientação: Prof^a. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan

CANOAS, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P332m Pauly, Tobias Uptmoor.

Memória social e brincadeiras na atenção à pessoa idosa [manuscrito]: uma pesquisa visando à elaboração de um curso de extensão para gestores e profissionais no campo do envelhecimento em Canoas e São Leopoldo (RS) / Tobias Uptmoor Pauly – 2020. 106 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2020.

“Orientação: Prof. Dr. Lucas Graeff”.

“Coorientação: Prof^a. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan”.

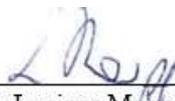
1. Memória social. 2. Envelhecimento. 3. Lúdico. 4. Brincadeiras. 5. Curso de extensão. I. Graeff, Lucas. II. Mangan, Patrícia Kayser Vargas. III. Título.

CDU: 316.7

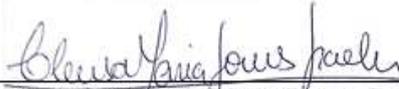
TOBIAS UPTMOOR PAULY

Trabalho Final aprovado como requisito parcial para obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

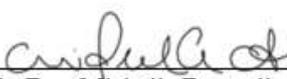
BANCA EXAMINADORA



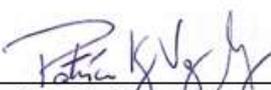
Prof. Dra. Luciane Marques Raupp
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Universidade La Salle



Prof. Dra. Michelle Bertoglio Clos
Universidade La Salle



Prof. Dra. Patricia Kayser Vargas Mangan
Presidenta da Banca e Coorientadora
Universidade La Salle



Prof. Dr. Lucas Graeff
Orientador
Université Grenoble Alpes

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 17 de dezembro de 2020.

Dedico este trabalho àqueles(as) profissionais da saúde, assistência social e demais serviços que, em tempos difíceis da pandemia COVID 19, exercem sua profissão com competência e respeito à dignidade do ser humano, mesmo sem o devido reconhecimento social e financeiro. Convivendo com o medo de adoecer e de contaminar seus familiares. E àqueles(as) que perderam sua vida, o recado, de que não foi em vão, lutaremos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao orientador e professor Dr. Lucas Graeff pela dedicação, paciência e generosidade que teve comigo, pelas importantes contribuições durante os momentos de formulação do trabalho. Por sua disposição em me acompanhar. Obrigado por não me deixar desistir.

À professora Dr^a. Patrícia Kayser Vargas Mangan que aceitou o desafio da coorientação na reta final. Agradeço pelo apoio e palavras de incentivo.

À professora Dr^a. Cleusa Maria Gomes Graebin, um obrigado especial pelas valiosas contribuições na Banca e o apoio durante o curso.

À professora Dr^a. Michelle Bertóglío Clos pelas suas contribuições na Banca, tendo em vista a perspectiva da Assistência Social. Foi extremamente importante e acolhedora.

À professora Dr^a. Luciane pela sua paciência no início do trabalho e pelas contribuições na Banca Examinadora.

Agradeço à pesquisadora Jussara Rauth, Presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa do Rio Grande do Sul e ao Dr. Sergio Antonio Carlos, Professor da UFRGS por aceitarem o convite de contribuírem com este trabalho e pelas suas valiosas considerações sobre a proposta do Curso de Extensão.

A todos os professores que durante a trajetória pela Universidade La Salle contribuíram para a pesquisa.

À Silvia pelo apoio, estímulo, disponibilidade e boa vontade em sanar as dúvidas referentes aos assuntos administrativos da pós-graduação e pela formatação do trabalho.

A minha querida companheira Sabrina Medeiros, uma das maiores guerreiras que conheço. Peço desculpas pelas ausências durante esse tempo. Obrigado pela confiança e dedicação. Ao Bento, incansável menino que estará completando 5 anos nos próximos dias. Obrigado pelos muitos ensinamentos, pela tua energia que convoca a parceria na brincadeira, não importando o quão cansado eu esteja. É difícil descrever o quanto estou aprendendo contigo, com a tua inteligência e a tua

alegria contagiante. Pelas aventuras, pelas risadas, por nossas histórias. Obrigado pela confiança e por ser essa criança fantástica! Você é também uma das razões do meu viver!

A toda a equipe, colegas de trabalho do Lar São Francisco de São Leopoldo. Aos/as idosos/as. Um obrigado carinhoso e especial aos colegas, pelos ensinamentos e paciência, pelo convívio, respeito, um abraço carinhoso.

Agradeço especialmente ao meu irmão Daniel, pelo constante auxílio, sempre pronto para o que der e vier, pela tradução e a ajuda no cuidado do Bento.

Aos meus pais, pelo apoio durante a caminhada da vida e pelo amor que sempre me deram e por acreditarem no meu potencial. Obrigado pelo exemplo de fé e de militância na construção de uma sociedade menos injusta.

RESUMO

Este trabalho é um estudo no campo da memória social que aborda as relações entre a velhice e o brincar. Seu objetivo geral é elaborar um curso de extensão para gestores, profissionais da educação e voluntários que trabalham com envelhecimento nas cidades de Canoas/RS e São Leopoldo/RS. Realizado durante a pandemia da COVID-19, a metodologia foi adaptada em três etapas: revisão bibliográfica, elaboração de um estudo de marketing e elaboração de um projeto piloto do curso, que foi submetido à avaliação externa por dois especialistas. Ao final, a pesquisa definiu um produto avaliado positivamente pelos especialistas e cuja viabilidade foi estabelecida pelo estudo de marketing realizado previamente.

Palavras-chave: Memória Social; Envelhecimento; Brincadeiras; Lúdico; Curso de Extensão.

ABSTRACT

The present text is a study in the social memory field, regarding the relationship between aging and playing. Its global goal is to elaborate an extension course for managers, education professionals and volunteers working with elderly from Canoas/RS and São Leopoldo/RS. Accomplished during the COVID-19 epidemic, the methodology was adapted in three steps: bibliographical review; marketing survey; and creation of a pilot project of the course. The latter went for external evaluation by two specialists and its viability was previously established through marketing survey.

Keywords: Social Memory; Aging; Games; Ludic; Extension Course.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos geral e específicos	11
1.2 Justificativa	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Memória social e envelhecimento	15
2.2 O lúdico na velhice	20
2.3 Intergeracionalidade, envelhecimento e brincadeiras	25
3 PERCURSO METODOLÓGICO	32
3.1 A metodologia aplicada ao plano de negócio	34
4 CURSO DE EXTENSÃO	42
5 PLANO DE NEGÓCIOS	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo no campo de memória social que aborda as relações entre o envelhecimento e o brincar. Busca compreender o papel do lúdico e do brincar na velhice, bem como resgatar brinquedos e brincadeiras que pertenceram a seus tempos de infância. Trata-se de uma pesquisa visando aprofundar a temática com a qual me confrontei na realização do meu¹ estágio curricular e no Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 2015. Desta forma a questão se transformou na formulação do problema da pesquisa: A relevância manifestada pelas idosas nas atividades lúdicas observadas no percurso do meu estágio despertou uma curiosidade natural que me acompanharam a partir de então, e se transformaram no problema principal da pesquisa, representando a oportunidade de aprofundar e articular a temática. E se transformou no ponto de partida na seguinte pergunta: De que forma as lembranças das experiências lúdicas da infância podem impactar nas relações e no bem estar das pessoas idosas e quais seriam as articulações entre memória social? A pouca visibilidade das questões lúdicas na velhice e as poucas referências à memória lúdica revelam a importância de estudar e pesquisar a articulação entre os temas.

A relação entre o lúdico e a velhice se destaca como tema central neste trabalho com o objetivo de criar um curso de extensão universitária que sensibilize gestores e profissionais que trabalham com o envelhecimento a estudar, no campo da memória social, as relações entre o envelhecimento e brincar. Busco promover uma compreensão do papel emancipador do trabalho de memória e das atividades lúdicas no cotidiano de idosos e idosas. Em outras palavras, quero discutir como uma condição de perda de capacidades associada pelo passar do tempo biológico pode desdobrar-se de outras formas através das lembranças e do brincar. A escuta

¹ Optei por utilizar a primeira pessoa do singular em todo o texto porque algumas experiências pessoais basearam as reflexões adiante apresentadas, desse modo também me comprometo com os erros e acertos, com as opiniões e escolhas até este momento de formação.

qualificada é fundamental nessa condição - e ganha força com a presença do brinquedo.

O produto final que caracteriza a conclusão do Mestrado Profissionalizante consiste, neste caso, na proposição de um Curso de Extensão, portanto, a proposta final não pode ser e nem pretende ser um produto pronto, exatamente porque prevê a participação dos segmentos envolvidos conforme o contexto. A formatação didática do curso, do mesmo modo, atenderá ao contexto específico de sua eventual edição, sendo necessário, no entanto, garantir as respectivas correlações entre competências, habilidades, unidades temáticas, objetos do conhecimento, metodologias e demais recursos didáticos e pedagógicos necessários para o desenvolvimento de cada módulo.

1.1 Objetivos geral e específicos

O presente trabalho é formulado como um estudo no campo de memória social que aborda as relações entre a velhice e o brincar para, a partir desta perspectiva, elaborar um curso de extensão para gestores, profissionais e voluntários que trabalham com envelhecimento nas cidades de Canoas/RS e São Leopoldo/RS. A partir desse curso, espero colaborar para que essas pessoas aprimorem estratégias e ações relacionadas à população idosa dos dois municípios, inserindo práticas lúdicas dentro da concepção que valoriza o conhecimento da pessoa idosa. Considerando o contexto de pandemia, expansão da EAD e da tendência para o ensino híbrido, pode ser estudada a viabilidade para execução da proposta na modalidade EAD ou Semipresencial.

Sob esse ponto de vista, **o objetivo geral** é elaborar o curso de extensão “Memória social e brincadeiras na atenção à pessoa idosa”. Mais especificamente, proponho:

Revisitar teoricamente as relações entre memória social, envelhecimento e o brincar;

Conhecer um conjunto de atividades lúdicas citadas na literatura, indicadas por profissionais da área do envelhecimento ou observadas em grupos de

convivência de idosos que possam subsidiar a elaboração do projeto de extensão; e

Realizar um estudo de mercado (plano de negócio) a fim de avaliar a viabilidade da proposta do curso de extensão.

1.2 Justificativa

O curso de extensão elaborado ao longo da pesquisa busca apresentar uma visão geral sobre a memória social, o lúdico e a velhice e compartilhar experiências lúdicas realizadas nos grupos de idosos/as dos municípios de Canoas e São Leopoldo. Trata-se de uma discussão que dialoga com as linhas de pesquisa Memória e Linguagens Culturais e Memória, Cultura e Identidade, nas quais minha pesquisa de mestrado profissional se inscreve. Por outro lado, as relações entre memória e brincar relacionam-se à noção de identidade, tanto pessoal como coletiva, pois as brincadeiras que amamos e que nos fazem lembrar de outros períodos de nossa vida são expressões de nossas trajetórias individuais e sociais.

Os aspectos relacionados à ludicidade das pessoas idosas e o assunto da velhice tornam-se, portanto, bastante contraditórios, pelo fato de a mídia estar geralmente orientada para estimular o consumo propiciado pelos avanços científicos e tecnológicos, por apresentar propagandas com a imagem de uma velhice geralmente “alegre e saudável”, enquanto que, por outro lado, se observa cada vez mais a exclusão de uma grande parcela da população idosa das conquistas já alcançadas. Torna-se, portanto, necessário o debate e o aprofundamento da questão levando em conta as pesquisas de diferentes áreas. Em relação ao fato, Debert (1997) assegura que os

Gerontólogos traçaram o perfil do idoso como vítima da miséria; entretanto, o idoso pesquisado e divulgado pelos meios de comunicação é um ser ativo, lúcido, participante, pronto para viver um dos momentos mais felizes de sua vida, em que o único dever é a realização pessoal (DEBERT, 1997, p. 15).

Segundo Debert (1997), os estudos antropológicos contribuíram para a transformação do “idoso em um ator político” deixando a sociedade brasileira “mais

sensível aos problemas relacionados com o envelhecimento e com a aposentadoria”. No entanto, a população idosa que a mídia costuma representar não corresponde à realidade brasileira. É necessário “propor ações que beneficiem os mais fragilizados” aponta a autora:

O contraste entre representações distintas do envelhecimento e o interesse social pelas tecnologias de rejuvenescimento leva os gerontólogos a negarem seu próprio objeto de estudo e intervenção. De participantes ativos na transformação do idoso em um ator político, vêem-se transformados, especialmente pela mídia, em divulgadores de uma parafernália de receitas a indicar como os que não querem ser velhos devem agir. (DEBERT, 1997, p. 15).

Mais do que uma análise da questão social de uma grande parcela da população idosa, o fenômeno do envelhecimento é visto atualmente como uma oportunidade de negócio, ou um nicho de mercado promissor, o que facilmente pode ser constatado pelas imagens publicitárias da mídia. “Atualmente, as pessoas nessa faixa etária já movimentam mensalmente cerca de R\$ 28,5 bilhões, segundo o IBGE (2011). Esse mercado será cada vez mais promissor, considerando-se que até 2030 essa população representará 20% dos brasileiros” (BRASIL, 2014, p. 28). A mídia ao enfatizar a pessoa idosa como um sujeito independente, supondo-o com boas condições físicas esconde uma realidade cruel para a pessoa idosa e conforme a autora:

O envelhecimento bem-sucedido e inovador não pode fechar o espaço para a velhice abandonada e dependente, nem transformá-la em consequência do descuido pessoal. A ideia do idoso como uma fonte de recursos não pode nos levar a responsabilizar os indivíduos pela perda de habilidades e controles físicos e emocionais que o processo de envelhecimento desencadeia. (DEBERT, 1997, p. 16).

Cabe, portanto, refletir sobre a crítica contra os processos de envelhecimento adoecidos ou explorados como uma expressão do problema social na vida da população que envelhece. Como a sociedade pode enfrentar e garantir uma velhice digna para todos considerando o crescimento dessa população e o consequente aumento da demanda pela implementação de políticas públicas eficientes para todas as pessoas idosas? Para além das perspectivas teóricas e práticas divergentes

sobre as Políticas Sociais, permeadas pelos interesses antagônicos de classe, os idosos dependem dessas políticas, mesmo que grande parte dos programas existentes constituem ações fragmentadas e dentro do princípio meritocrático, que não atendem a demanda dos idosos, nem na perspectiva da eficiência e nem em termos da universalidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A perspectiva teórica da minha pesquisa insere-se no campo da memória social. Neste capítulo, tratarei das relações entre memória social e envelhecimento, do lúdico na velhice e a sua relação entre as gerações. Trata-se de conceitos que sustentam a minha pesquisa e o desenvolvimento do curso de extensão.

2.1 Memória social e envelhecimento

Ao focar o olhar para as lembranças lúdicas da infância retomadas na velhice, buscamos como referenciais teóricos dos autores Ecléa Bosi e Maurice Halbwachs, bem como os aportes de Michael Pollak, Huizinga e Debert. São relevantes as contribuições destes autores para o assunto, contribuições estas que foram fundamentais para entender a função da memória dos idosos. Os autores nos ajudaram a compreender melhor a memória como um processo coletivo. Bosi traz suas reflexões de forma poética, parece brincar com as lembranças dos idosos, incorpora poesia na linguagem científica. Mostra, também, como o estudo de Ecléa Bosi se fundamenta em estreitos vínculos entre a pesquisadora e os idosos pesquisados.

No capítulo *Tempo de lembrar*, Ecléa Bosi (1994) descreve aspectos do papel dos velhos, destacando a sua importância na concepção da cultura: testemunhas da história pessoal e coletiva. Na página 77, a autora afirma que na sociedade industrial, a velhice é maléfica, porque nela todo sentimento de continuidade é destruído. Assim, a perda da continuidade e o fato marcante da sociedade moderna capitalista haja vista, que a memória dos idosos não é mais valorizada, tornando-se difícil resgatar a história, crescendo o fosso entre as gerações, as quais vivem separadas, cada qual reunida em torno de atividades que lhe são específicas.

Muitas vezes se diz “velho não faz mais nada”. E a pessoa idosa começa a acreditar que não faz. Ao valorizar o conhecimento presente na memória dos velhos potencializamos a “reconstrução” de aspectos da cultura. A memória traduzida em palavras, fotografias, lembranças fragmentadas transmite uma experiência vivida. Através dela, temos acesso aos momentos que permanecem e foram significativos.

[...] há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento a velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63).

A memória traduzida em palavras, fotografias, lembranças fragmentadas transmitem uma experiência vivida. E a função da memória diz respeito: “unir o começo ao fim, tranquilizar as águas revoltas do presente alargando as suas margens” (BOSI, 1994, p. 82). Todos nós trazemos a infância em nossas memórias, é nela que através do brincar construímos a nós mesmos.

Como bem mostrou Bosi (1994, p. 82-83), é uma preciosidade para os velhos unir o começo ao fim, recuperando um tempo o qual remete à unidade de uma vida, que, no momento presente, defrontam-se com um contexto do *“já não existe mais”* ou *“no meu tempo não era assim”*. São frases ditas com certa nostalgia e saudosismo, pois, ao recordarem, lamentam a ausência de elementos relevantes que não voltam mais – a estrutura das casas e das ruas, as praças, os alimentos que não se consomem mais, as festas, as serenatas, as músicas, as brincadeiras, as pessoas que marcaram suas vidas...

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 1994, p. 83).

Para além das questões acima apontadas, persiste o desafio e a necessidade da interlocução epistemológica com outras disciplinas, para ir ampliando a discussão dos referenciais teóricos. A pesquisa interdisciplinar requer o aprofundamento dos referenciais teóricos da área para que possa então dialogar com outras disciplinas, sobre pontos de vista diferentes, aceitar confrontos de diferentes abordagens. A interdisciplinaridade, que surge no processo coletivo, demanda uma atitude de reconhecimento das possibilidades e limites das disciplinas na produção do conhecimento, permitindo múltiplas perspectivas.

Bosi (1994), apesar da perspectiva coletiva com há qual muito bem trabalhada, não deixa de acentuar a perspectiva individual.

Cada relato remete a situações em que o depoente se envolveu em interação com outras pessoas, reflete as crenças que adquiriu em seu grupo, se ancora temporalmente aos eventos que fizeram notícia e qualificaram a época [...]. A vida "privada" constitui o testemunho de um tempo coletivo (BOSI, 1994, p. 32).

Halbwachs foi uma referência importante para o trabalho de Ecléa Bosi sobre lembranças de velhos. Para Halbwachs, a lembrança é reconhecimento e reconstrução. E garante a necessidade da comunidade afetiva, "esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodearam" (BOSI, 1994, p. 32).

Pollack (1992) resgata o conceito de memória coletiva de Halbwach para explorar diferentes processos. Examina as contribuições da história oral e o surgimento das "memórias subterrâneas" "que, ao aflorarem em momentos de crise engendrando conflitos e disputas, silenciosamente subvertem a lógica imposta por uma memória oficial coletiva". Explorar os limites entre o "esquecido" e o "não dito" da memória.

Pollack acentua a simultaneidade do caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional: "Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados" (1989, p. 4).

A vivência permanente em ambiente hostil ou onde falta afetividade, pode, para a pessoa idosa que se encontra em condições físicas fragilizadas, impedir as condições básicas de vida digna, ou até a um processo gradual de perda da autoestima e, de maneira especialmente perversa, redução ou mesmo anulação do autocuidado. Nesse contexto, lembrar-se do lar, de algum conforto, da família, é lembrança que dói. A perda da família desencadeia, para alguns, a oportunidade de tornar-se usuário dos programas da Assistência Social.

Tendo em vista um melhor entendimento da pessoa idosa que se encontra com os vínculos familiares fragilizados ou inexistentes, é necessário estar atento às

particularidades em relação às interações sociais travadas no contexto comunitário e mesmo institucional. Essas especificidades dizem respeito tanto à singularidade das histórias de vida de cada pessoa quanto à dimensão sociocultural das suas interações sociais. Significa promover o entrelaçamento da dimensão subjetiva e singular com as dimensões sociais, culturais e políticas nas quais estamos todos inseridos. Halbwachs (1990) ao falar da memória coletiva e da memória individual ressalta que “se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros” (p. 25) mesmo que nossa confiança recaia sobre a nossa versão é necessário ter em mente que esse processo melhora quando coletivizado:

Assim, para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias. Elas não seriam suficientes. Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo (HALBWACHS, 1990, p. 27).

A articulação entre a memória individual e a coletiva é explicada por Halbwachs (1990) que entende a memória como resultado da relação dos indivíduos em seus grupos sociais. Ao invés de estudar a memória em si, isolando no indivíduo e colocando-a cada vez mais distante do social, Halbwachs propõe-se a analisar os “quadros sociais da memória” (BOSI, 1994, p. 54).

No campo teórico e prático do Serviço Social, predomina o discurso sobre os vínculos familiares. No entanto, sabe-se muito bem que nem sempre tais vínculos são possíveis e quando o são, nem sempre são viáveis para as condições objetivas de vida dos familiares. Penso ser importante reafirmar a necessidade da desconstrução da imagem da família como instituição natural de aconchego e cuidado, discurso este ratificado incessantemente pelas políticas públicas, apesar de os fatos mostrarem o contrário, como por exemplo, as denúncias sobre violência contra o velho, sobretudo agressões físicas e ameaças perpetradas por seus familiares (DEBERT, 2001). Ouvir o familiar idoso e permitir que conta e reconta a

sua história brinca com suas fantasias pode contribuir para melhorar o relacionamento e seu bem estar.

Meu interesse, ao perguntarmos sobre o passado, está no sentido de partilhar dessa experiência e de colher mais significados para o trabalho. Tudo que faz parte daquela cena nos interessa. Ecléa Bosi (2003) ressalta a importância das hesitações e dos silêncios que se intercalam nas falas.

Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade... A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis (BOSI, 2003, p. 63-65).

Sobre a prática da entrevista, a professora Ecléa Bosi (2009) denomina-a como “Uma experiência humanizadora”. Em outro texto, Ecléa Bosi (2003, p. 15), assegura que “a memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza”. No mesmo texto, a antropóloga volta a afirmar:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p.15).

Trabalhar a memória dos velhos como uma mediadora entre a nova geração e as testemunhas do passado, é a dimensão que pretendemos enfatizar, entendendo como a proposta da articulação entre a memória individual e coletiva de Halbwachs (1990), se conjuga nessa relação. Ao invés de estudar a memória em si, isolando no indivíduo e colocando-a distante do social, perdemos parte da compreensão, mas ganhamos se analisamos os “quadros sociais da memória” (BOSSI, 1994, p. 54).

De acordo com o pensamento de Halbwachs (1990), quando o indivíduo narra suas recordações, entra primeiramente em contato com a lembrança da qual o informante é a testemunha, mas este não está só, ele faz parte de uma “comunidade

afetiva”, que traz todo o contexto das situações sociais partilhadas. “A memória é social e coletiva, mas é o indivíduo que lembra de um determinado espaço e tempo [...] são as ações realizadas no presente e acontecimentos da vida cotidiana que fornecem os pontos de demarcação para as lembranças” (HALBWACHS *apud* GRAEFF, 2006, p. 13). Estas por sua vez envolvem, então, os fatos sociais, atividades e interações familiares e sociais. Na continuidade, trabalhar a memória dos velhos sobre as brincadeiras de suas meninices, pode ser uma mediação criativa entre a nova geração e as testemunhas do passado, uma proposta de articulação entre a memória individual e coletiva.

2.2 O lúdico na velhice

A partir de Huizinga (2000), pode-se observar um entrelaçamento entre o lúdico e a cultura, “encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos”. No entanto, para a cultura contemporânea ele coloca as seguintes questões:

[...] em que medida a cultura atual continua se manifestando através de formas lúdicas? Até que ponto a vida dos homens que participam dessa cultura é dominada pelo espírito lúdico? Conforme vimos, o século XIX perdeu grande número dos elementos lúdicos que caracterizavam as épocas anteriores. Terá esta deficiência sido eliminada, ou terá ela aumentado? (HUIZINGA, 2000, p. 140).

No presente trabalho, o lúdico está associado ao ato de brincar e de jogar, mas especialmente ao ato de trazer lembranças prazerosas do passado, no sentido de refazer, reconstruir, repensar, e sentir prazer com as lembranças quando o corpo já não permite ou reduz a capacidade de participar ativamente. Por isso, pretende-se compreender o significado do lúdico para os idosos com dificuldades de locomoção, quando já não tem mais a oportunidade de vivenciá-lo de forma motora. Um dia um idoso falou “eu tenho minhas brincadeiras. Os brinquedos estão todos aqui na minha cabeça, eu brinco quando eu quero”, negando-se assim a participar das atividades de lazer. Muitas vezes sentem-se forçados a participar, e quando não conseguem

mais acabam sentindo-se fracassados. O significado do lúdico na velhice aponta geralmente para a abordagem utilitarista: exercitar o corpo, exercitar a cognição, estimulação da mente. E dentro desse contexto, de forma geral, as atividades de lazer são extremamente valorizadas para a população idosa.

Conforme a Constituição Federal, em seus artigos 215 e 216, o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial, bens culturais, incluídos os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Portanto, a promoção de experiências lúdicas e do brincar entre gerações pode colaborar tanto para a valorização da pessoa idosa quanto para a promoção do patrimônio cultural brasileiro no que diz respeito a práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer, como celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas (IPHAN, 2014).

O jogo e/ou brinquedo como patrimônio diz respeito aos sentimentos e afetos relacionados ao contexto e às vivências do passado e, ao mesmo tempo, podem contribuir na construção de novas relações. No entanto, ao considerar a dinâmica que envolve o brincar e suas recordações na velhice, elaborar um conceito se torna um tanto complexo, uma vez que o objeto brinquedo/brincadeira assume um significado próprio, que dá sentido naquele dado momento e contexto. A brincadeira tem a ver com estar com o outro, portanto, resulta de múltiplas interações sociais.

No caso do Rio Grande do Sul, jogos, brinquedos e brincadeiras se moldaram sob a influência das culturas indígena, africana, portuguesa, alemã e italiana, promovendo uma enorme riqueza e diversidade cultural. O livro “Jogo Tradicional e Cultura” organizado por Marin e Ribas apresenta os capítulos conforme sua origem descrevendo jogos que atravessaram séculos, povos e culturas. Autora e autor definem os jogos tradicionais como “manifestações culturais que compõem a identidade sociocultural dos povos e estão intimamente ligadas com as condições materiais de existência” (2013, p. 19). Trata-se de uma descrição dos jogos identificados e suas relações com o contexto sociocultural.

Considerando os diferentes significados atribuídos aos termos jogo, brincadeira e brinquedo, Tizuko Kishimoto, pesquisadora da USP, propõe que os termos devem ser definidos a partir do contexto cultural e sócio histórico no qual

estão inseridos, pois comportamentos considerados como lúdicos podem apresentar significados diferentes em cada cultura. Se para a criança em nosso meio, a boneca significa um brinquedo, para populações indígenas pode ter um sentido de símbolo religioso.

A boneca é um brinquedo para uma criança que brinca de "filhinha" mas, para certas tribos indígenas, conforme pesquisas etnográficas, é símbolo de divindade, objeto de adoração. A variedade de fenômenos considerados como jogo mostra a complexidade da tarefa de defini-lo. (KISHIMOTO, 1994, p. 106).

Gilles Brougère, pesquisador francês contemporâneo analisa o brincar e o brinquedo como elementos da cultura e o brincar como "cultura lúdica", de forma que vê no brincar o espaço da criação cultural por excelência. O brinquedo revela uma parte importante da cultura, com seus costumes, hábitos e tradições. Por isso, o brinquedo não pode, segundo Brougère (2008), se confundir com a definição de jogo. Em outro texto (1998, p. 105) propõe a título de hipótese a existência de uma cultura lúdica, conjunto de regras e significações próprias do jogo que o jogador adquire e domina no contexto de seu jogo. Em vez de ver no jogo o lugar de desenvolvimento da cultura, é necessário ver nele simplesmente o lugar de emergência e de enriquecimento dessa cultura lúdica, essa mesma que torna o jogo possível e permite enriquecer progressivamente a atividade lúdica.

Em sua obra "Brinquedo e Cultura" (2008), Brougère enfatiza a ideia de que o brinquedo se vincula à questão social, simbólica, que é a função principal. Para, além de ser instrumento de brincadeira para a criança, o brinquedo também é vetor de interação de tradições entre gerações. Por isso, não se trata apenas de uma evocação, já que aqui, o brinquedo e a brincadeira oferecem a oportunidade para estabelecer um diálogo intergeracional e através deles conhecem os valores morais de uma época, que podem servir ou não como herança de sua formação. A confecção de brinquedos com materiais recuperados e reaproveitados é prática corrente nas diferentes culturas. No caso, cito o cavalinho de pau, a casinha, a peteca, a boneca de pano, a comidinha etc.

Cultura lúdica e o ato de brincar, na perspectiva mencionada por Brougère (1998, p. 105), não se opõe tanto assim do trabalhar e não pode ser caracterizada

como futilidade em oposição ao que é sério. Já para Dumazedier, o “lazer é definido, nos dias de hoje sobretudo, por oposição ao conjunto de necessidades e obrigações da vida cotidiana” (1999, p. 31) que considera quatro períodos de lazer – fim do dia, fim de semana, fim do ano e fim da vida: “o lazer concerne a um conjunto mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados: lazeres físicos, práticos, artísticos, intelectuais, sociais, dentro dos limites do condicionamento social, político e cultural de cada sociedade. São tais atividades que iremos chamar de lazeres. Seu conjunto constitui o lazer.” (DUMAZEDIER, 1999, p. 92)

No cotidiano, o lúdico e a brincadeira são ora tratados como práticas infantis, ora como práticas de lazer. O sociólogo Joffre Dumazedier é uma referência no campo do lazer. Define o lazer como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora (DUMAZEDIER, 1999, p. 94).

Para o autor, o lazer completo possui caráter libertador, o que é relevante para o trabalho com idosos. Aliás, Dumazedier menciona indiretamente a velhice ou Terceira Idade na sua classificação dos momentos de lazer: lazer do fim do dia, do final de semana, do final do ano e do fim da vida.

O filósofo Walter Benjamin é outro autor que enfatiza o caráter libertador da brincadeira (2002, p. 85). Para ele, brincar ou fabricar brinquedos e falar do tempo de brincar da sua infância permite uma série de relações metafóricas para lidar com os problemas e com a vida. A partir disso, pode-se afirmar que a velhice é o momento mais sensível da lembrança. Considerando-se que o brincar é um processo que produz subjetividades, observa-se que os idosos se encontram confrontados com a crescente subtração deste espaço de criatividade. O processo de transformação do brinquedo como objetos industrializados marca um distanciamento entre o brincar, a criatividade e subjetividade. Benjamin menciona os artefatos preferidos para o brincar das crianças antes da industrialização: “Madeira, ossos, tecidos, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais

importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos” (BENJAMIN, 2002, p. 91-92).

Ao promovermos a lembrança sobre as experiências lúdicas das pessoas idosas, estamos mobilizando a dimensão afetiva dessas experiências para os idosos. Em situações de isolamento no domicílio ou de institucionalização, a promoção do lúdico e de brincadeiras se apresenta como uma possibilidade de liberação dos afetos e de estímulo ao relacionamento social. No estudo realizado por Graeff em uma instituição asilar em Porto Alegre, as festas, os jogos e o lazer foram descritos como "momentos de efervescência social, que extravasam os hábitos e rotinas diárias e enquadram socialmente a memória" (GRAEFF, 2006, p. 13). Citando Huizinga, "o lúdico deve ser pensado como uma forma específica de atividade, como 'forma significante', como função social" (HUIZINGA *apud* GRAEFF, 2006, p. 6). O estudo de Graeff define o jogo como uma atividade voluntária, que implica em uma evasão da 'vida real' para uma esfera temporal, propiciando um espaço simbólico singular que ajuda a compreender o modo como estamos usando os aspectos da ludicidade. Essa atividade pode ser ampliada quando nessa concepção "abre-se um espaço potencial para sociabilidades, jogos e festas, que interrompem o dia-a-dia" (GRAEFF, 2006, p. 7).

Em casos onde o investimento nas brincadeiras, no lúdico e na sociabilidade é significativo, até mesmo a formulação de um projeto de vida pode ocorrer. Em um dos casos estudados por Graeff, um dos idosos encontrava-se triste e sem esperanças quando de sua entrada em instituição. Chegou-se a cogitar uma depressão. Após algumas semanas, o idoso foi convidado a dirigir-se a um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), algo que nunca tinha feito ao longo de sua vida. A partir de então, ele passou a se interessar pelas culturas e etnias formadoras do Rio Grande do Sul e a frequentar reuniões mensais no CTG. Depois, recebeu a doação de uma vestimenta apropriada - uma "pilcha" - e fez questão de apresentá-la ao pesquisador.

Outro tipo de projeto que emerge com a promoção das brincadeiras e do lúdico é a narrativa. Narrar significa colocar-se em relação, imaginar um processo e antecipar as reações de quem testemunha a narrativa. As brincadeiras podem

impulsionar narrativas do presente, do passado e do futuro (no sentido de imaginar o que está por vir). Em virtude disso, Graeff afirma que as narrativas são "táticas de reinvenção do cotidiano: através dos jogos da memória, os sujeitos protagonizam histórias que invertem hierarquias sociais e ultrapassam, através da imaginação, os limites da experiência vivida". (GRAEFF, 2006, p. 100).

É no cotidiano que as gerações se encontram e, tentativas no sentido de evocar a memória lúdica, podem potencializar a relação, mesmo que não se caracterizem exatamente como um jogo ou brincadeira. Em termo de definição do termo velhice, a mesma dificuldade se repete, na literatura há várias definições do que é ser velho, da terceira idade, da melhor idade, etc. Não existe um consenso do que se entende por velhice e, nem mesmo, poderia ou deveria haver, pois a velhice não pode ser definida isoladamente, mas a partir de suas múltiplas relações em diversos contextos sociais. Nesse sentido, pensar a velhice exige considerar as condições de gênero, raça, classe social, cultura, etc.

2.3 Intergeracionalidade, envelhecimento e brincadeiras

Como gaúcho nascido na cidade de colonização alemã, convivi, por dez anos, na Ilha de Florianópolis, desenvolvendo uma curiosidade sobre a cultura lúdica e a integração de gerações em torno das brincadeiras, uma cultura muito rica e leve. Diferente da cultura da minha cidade de origem, cidade de São Leopoldo que demonstra uma cultura com forte acento no trabalho, onde as brincadeiras entre os adultos acontecem, mas restritas a alguns momentos delimitados e específicos como, por exemplo, a festa da imigração alemã, etc. Neste sentido, o texto de Ariès (1981, p. 51), referindo-se ao século XVII francês afirma que o "divertimento, tornado quase vergonhoso, não é mais admitido, a não ser em raros intervalos, quase clandestinos: só se impõe como dado dos costumes uma vez por ano".

No capítulo "Contribuição à história dos jogos e brincadeiras" do livro "História social da criança e da família" traz uma descrição histórica da infância do Delfin, herdeiro do trono, na antiga monarquia francesa, na qual relata seus jogos e brincadeiras. Ariès (1981) traz vários testemunhos do lugar que os jogos ocupavam nas preocupações da antiga sociedade, destacando que no século XVII ainda não

existia muita discriminação entre meninos e meninas, porque ambos os sexos usavam o mesmo traje, uma espécie de vestido, e que a brincadeira com bonecas era comum a meninos e meninas. Um jogo de papezinhos muito em moda no fim da Idade Média, uma espécie de adivinha com rimas que dão origem a canção popular e às brincadeiras infantis, como o próprio jogo das rimas. Uma brincadeira ou jogo de salão que consistia “em adivinhar as profissões e as histórias representadas por mímica” (ARIÈS, 1981, p. 45). Assim parece, portanto, que no início do século XVII “não existia uma separação tão rigorosa, como hoje, entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e os jogos dos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 46).

Para Ariès, o século XVII inicia o tenso processo cultural pelo qual “jogos, brincadeiras e divertimentos, que ocupavam um lugar importante nas sociedades antigas” (ARIÈS, 1981, p. 59) serão ao longo deste e do século XVIII classificados em bons ou maus, morais ou imorais, sendo estes últimos proibidos para crianças e adolescentes. Nas festas populares do século XVII francês, as crianças e os jovens “participam em pé de igualdade com os membros da sociedade, e quase sempre desempenhavam um papel que lhes era reservado pela tradição” (ARIÈS, 1981, p. 51):

Na sociedade antiga, o trabalho não ocupava tanto tempo do dia, nem tinha tanta importância na opinião comum: não tinha o valor existencial que lhe atribuímos há pouco mais de um século. Mal podemos dizer que tivesse o mesmo sentido. Por outro lado, ‘os jogos e os divertimentos estendiam-se muito além dos momentos furtivos que lhe dedicamos: formavam um dos principais meios de que dispunha uma sociedade para estreitar seus laços coletivos, para se sentir unida. Isso se aplicava a quase todos os jogos, mas esse papel social aparecia melhor nas grandes festas sazonais e tradicionais. (ARIÈS, 1981, p. 51).

Desse modo, Ariès (1981, p. 74) constata que partimos

de um estado social em que os mesmos jogos e brincadeiras eram comuns a todas as idades e a todas as classes. O fenômeno que se deve sublinhar é o abandono desses jogos pelos adultos das classes sociais superiores, e, simultaneamente, sua sobrevivência entre o povo e as crianças dessas classes dominantes. [...] É notável que a antiga comunidade dos jogos se tenha rompido ao mesmo tempo entre as crianças e adultos e entre o povo e a burguesia. Essa coincidência nos permite entrever desde já uma relação entre o sentimento da infância e o sentimento de classe.

Esse rompimento entre a vida social e cultural dos adultos com a das crianças e adolescentes não se limitou à moralização da ludicidade. Para Ariès, essa separação incidirá sobre o sistema escolar e, portanto, sobre toda a cultura e sociedade modernas do século XIX e XX:

De modo geral, a transmissão do conhecimento de uma geração a outra era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos. Assim se explica essa mistura de crianças e adultos que tantas vezes observamos ao longo deste estudo, até mesmo nas classes dos colégios, onde seria de esperar, ao contrário, uma distribuição mais homogênea das idades. Mas não se tinha a idéia dessa segregação das crianças, a que estamos tão habituados. (ARIÈS, 1981, p. 158).

Da mesma forma, Kishimoto (1999), ao estudar a criança indígena no Brasil, mostra que não existe separação entre o mundo do adulto e o da criança:

Misturados com os adultos, participando de tudo na tribo, pequenos curumins não se distinguem por comportamentos particulares como o brincar. Adultos e crianças dançam, cantam, imitam animais, cultivam suas atividades e trabalham para sua subsistência. Mesmo os comportamentos descritos como jogos infantis não pertencem ao reduto infantil. Os adultos também brincam de peteca, de jogo de fio e imitam animais. (p. 72).

Isso demonstra que, por meio das brincadeiras e dos jogos, pode-se compreender melhor a cultura de um povo, a cultura de nossos próprios avós e sua importância nas relações cotidianas. E ainda assim, resguardar a produção espiritual de uma geração de certo período histórico, que está em constante transformação, incorporando criações de sucessivas gerações.

Partindo da situação histórica cuja origem foi pesquisada por Ariès para o caso da França, a pesquisa de Francisco Emílio de Medeiros apresentou-se para mim como uma motivação para o desenvolvimento do projeto de curso de extensão. No entanto, somente no processo final de redação da dissertação, aprofundei-me na sua leitura e percebi a dimensão política e epistemológica de seu significado. As pistas de Medeiros são instigantes e provocadoras, lançando o desafio de intervenções intergeracionais nos âmbitos formais (escola), informais (grupos espontâneos) e não-formais (grupos e movimentos sociais organizados), no sentido

de tencionar a produção cultural das crianças e velhos. Medeiros ao observar a integração afirma:

Aos velhos cabe a tarefa emancipatória de se apropriar das lembranças vivas presentes nos baús da memória. Às crianças cabe a possibilidade de, a partir da sua inserção crítica e criativa na vida cotidiana - juntamente com os velhos e adultos (educadores) - criar história e cultura. A ambos cabe a tarefa de se apropriar das chaves para a interpretação e transformação de práticas sociais lúdicas, práticas estas situadas nas possíveis mediações entre tradição e modernidade. (MEDEIROS, 2011, p. 246)

A separação que se constata entre as gerações bem como a desmoralização do lúdico, é assim descrita por Medeiros:

A ideia de infância circunscrita entre o tempo de estudo na escola, o tempo do trabalho, como uma obrigação para as crianças, e o tempo de brincar diminuído, restrito a “um bocadinho” ou até mesmo inexistente, para algumas crianças, naquele tempo passado de infância, em parte, tinha sua razão de ser justificada nas condições da realidade e nas necessidades sócio-econômicas de algumas destas famílias. (2011, p. 231)

Mesmo com a prevalência da “ideia de infância como um tempo feliz e próximo da natureza” (MEDEIROS, 2011, p. 230), ainda parece plausível provocar o trabalho de memória nos velhos porque ela se constitui como uma condição necessária para viabilizar a transmissão intergeracional. O fenômeno demográfico de aumento proporcional da população idosa, os avanços de sua qualidade de vida saudável caracterizariam uma “possibilidade de considerar estes aspectos nos processos formativos voltados para as crianças, de modo a promover encontros construtivos entre velhos e crianças, tendo a cultura lúdica de infância como pauta destes encontros” (MEDEIROS, 2011, p. 235).

Assim, a tese de Medeiros indica que é possível constatar e confirmar uma grande convergência dos relatos da experiência de construção dos brinquedos e das brincadeiras na memória de velhos. As lembranças relatadas pelos idosos a respeito de suas infâncias passadas demonstravam “o ritual de confecção dos brinquedos integrava o tempo da brincadeira, desde a busca pelo material, que era geralmente encontrado no meio natural, ou de restos aproveitados do mundo de trabalho dos

adultos, até a produção artesanal do brinquedo” (MEDEIROS, 2011, p. 238). Um dos relatos registrado por Medeiros atesta esse fato:

O ancião costuma construir um brinquedo chamado de “cri-cri” para presentear as crianças que passam pela porta de seu porão de atividades quando vão ou voltam da escola, que fica ao final de sua rua. O “cri-cri” é um brinquedo musical feito com cana do reino ou bambu e que emite um som que se assemelha ao som produzido pelos grilos. Para Seu Valdir, poder construir brinquedos antigos do seu tempo de infância representa uma forma de se re-encontrar com o passado e, ao mesmo tempo, por meio de um brinquedo, de dizer deste passado às crianças, pois os brinquedos e as brincadeiras costumam encantá-las. (MEDEIROS, 2011, p. 239)

A possibilidade de construir os próprios brinquedos coloca-se em “contraposição a isso, os brinquedos e brincadeiras tradicionais também carregam uma marca de contraponto à lógica dominante na indústria cultural dos brinquedos, que concebe a criança como uma consumidora passiva e conformada com a realidade” (MEDEIROS, 2011, p. 243).

Desenvolver atividades reunindo estudantes, crianças e idosos com o objetivo de compreender melhor os complexos aspectos intergeracionais e a sua relação dinâmica com a educação pode fortalecer e incentivar a formação e manutenção dos vínculos, ajudando a repensar posturas sobre o envelhecimento e o espaço social que a pessoa idosa ocupa atualmente em nossas comunidades. Desta forma uma proposta de Curso de Extensão que oportuniza o encontro entre diferentes gerações e grupos se mostra uma iniciativa educacional e cultural promissora e necessária.

Na situação de acolhimento institucional, o trabalho intergeracional ganha relevância ainda maior tanto pela sua necessidade quanto pelas possibilidades que oferece: equipe de profissionais que possam atender e mediar ações junto às instituições de ensino formal e informal, fato que pode ser confirmado nas referências feitas na proposta do curso de extensão. Ressaltando a importância da qualificação das equipes de profissionais envolvidos tanto nas instituições de acolhimento como nas instituições educacionais.

O Estatuto da Pessoa Idosa, em seu artigo 3º, descreve os atores responsáveis pelos cuidados do idoso: família, comunidade, sociedade e Poder Público. Em primeiro lugar, portanto, a preocupação com o fortalecimento dos vínculos familiares. No entanto, nem sempre tais vínculos são possíveis. Há

violências e descasos com idosos em seus espaços domésticos, sobretudo agressões físicas e ameaças perpetradas por seus familiares (DEBERT, 2001), o que indica a necessidade de desconstrução da imagem da família como instituição natural de aconchego e cuidado.

Continua sendo consensual a opinião dos legisladores e pesquisadores da área que o mais adequado para idosos com a saúde fragilizada é receber o atendimento necessário em suas casas. O atendimento a domicílio, mediado pela família, pode ser menos traumático para os idosos. Segundo a crítica de Debert, a fragilidade dos vínculos familiares, comunitários e sociais pode dificultar ou impossibilitar a permanência no domicílio. Muitas vezes, conflitos intergeracionais são motivos para a quebra dos vínculos mesmo antes da institucionalização. Conforme a legislação, a natureza do acolhimento para idosos independentes e/ou com diversos graus de dependência “deverá ser provisória e, excepcionalmente, de longa permanência quando esgotadas todas as possibilidades” (BRASIL, 2009, p. 31-32).

As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) são a nova nomenclatura para os "lares" e "asilos" e o referido Estatuto estabeleceu novas regras para o processo de institucionalização. Segundo Camarano e Barbosa (2016), o envelhecimento populacional apontou para a necessidade de suplantarmos o modelo asilar que possuía caráter caritativo, “requerendo que os asilos deixem de fazer parte apenas da rede de assistência social e integrem a rede de assistência à saúde”. Foi para expressar a nova função híbrida dessas instituições que a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia sugeriu tal denominação, sendo assim adotada pela ANVISA e que as definiu como “instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania” (CAMARANO; BARBOSA, 2016, p. 484).

De um modo geral, quando se fala na institucionalização do idoso, encontram-se tanto na bibliografia como no imaginário popular, posições bastante contraditórias. Buscar uma instituição de acolhimento (ILPI) pode gerar culpa e sentimentos ambivalentes por conta do preconceito existente. De um lado as

imagens negativas, além de posturas e preconceitos, referentes aos idosos e às próprias ILPIs. Por outro lado, novos contextos, dentro das normativas legais, com aporte de recursos, as ILPIs podem representar um espaço generoso para celebrar essa etapa da vida, participar do cotidiano e construir novos vínculos, e novas posturas, superando imagens negativas comumente associadas aos antigos “asilos”.

Dados da pesquisa empreendida pela Fundação Perseu Abramo e pelo Serviço Social do Comércio (SESC) sobre expectativas na terceira idade, realizada em 2006, mostram que 76% da população respondente não idosa aceitariam morar em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Entre os idosos, a proporção comparável foi de 67%. Conforme Camarano os resultados sugerem que: As novas gerações possuem uma visão mais favorável à residência numa ILPI que as anteriores.

Algumas instituições atuais já são “vistas como residências coletivas que propiciam integração social, criação de laços afetivos e não implicam, necessariamente, rompimento de laços familiares” (CAMARANO; BARBOSA, 2016, p. 486). Nessa mesma direção seguem a conclusão de uma pesquisa realizada por Graeff (2007, p. 163):

O próprio caráter das instituições voltadas para a velhice está sendo redefinido [...], novas premissas e conceitos precisam ganhar espaço para que outras dimensões da experiência de envelhecer no asilo possam ser interpretadas [...] e tempos vividos nos espaços sociais e as memórias narradas são fundamentais para contrapor criticamente a premissa da mortificação do eu [...], reinventar ou ‘fantasiar’ a trajetória social e estabelecer novas relações de sociabilidade configuram situações singulares.

Sendo assim, parece necessário propor um recorte metodológico que enfrente os desafios da reflexão sobre esse processo sociocultural de reconstrução da velhice seja no âmbito conceitual e acadêmico, quanto no âmbito da reformulação das políticas públicas destinadas a essa parcela da população demarcada pela Constituição de 1988 e pelo Estatuto da Pessoa Idosa.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Ao pensar no percurso metodológico, um primeiro movimento, consistiu em tomar como primeira referência a obra de Ecléa Bosi, “Memória e Sociedade” (1994), tanto pelos seus conceitos quanto pela sua metodologia. Ela sugere a clara compreensão de que pesquisadores são, simultaneamente, sujeitos e objetos da pesquisa ao afirmar que

[...] fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos [...]. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. (BOSI, 1994. p. 38).

Minayo (2004) vai ao encontro da proposta de Bosi (1994), que se refere à metodologia de pesquisa qualitativa como sendo aquela que consegue bem integrar a questão do significado e da intenção como temas próprios “[...] aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (MINAYO, 2004, p. 10). No entendimento desta autora, este tipo de abordagem teórica da pesquisa ocupa-se de dimensões muito específicas da realidade.

A pesquisa de cunho qualitativo permite uma atitude de abertura, de flexibilidade, de capacidade de observação e de interação do pesquisador com os sujeitos envolvidos no processo da investigação. Ela também possibilita que os instrumentos sejam corrigidos durante o trabalho de campo, com vistas aos fins projetados pela pesquisa. Entretanto, o trabalho de campo requer planejamento prévio e a sua improvisação pode comprometer os resultados da pesquisa, explica Minayo (2004).

Quanto à abordagem qualitativa pode-se afiançar os seguintes pontos: (a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; (b) considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; (c) entende que na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa

ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças; (d) esforça-se para que a escolha do lócus e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa (MINAYO, 2004).

No percurso surge a pandemia - COVID-19 e várias adequações foram necessárias, uma vez que a proposta pretendia exatamente o encontro entre as pessoas idosas e as novas gerações, e, além disso, envolveria um grupo de voluntários/as. As atividades de campo com os idosos da instituição pública pela qual tinha interesse e onde realizei as primeiras tratativas de pesquisa, não foram possíveis, optei por realizar uma revisão de literatura para identificar e selecionar algumas pesquisas realizadas, resultados de revisões teóricas e relatórios já publicados, ou seja, a metodologia de pesquisa dessa dissertação é a pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 2002).

Para subsidiar a minha pesquisa, realizei uma revisão narrativa da literatura envolvendo as temáticas da memória social, do brincar e da velhice. Como orientação foi utilizada a definição de Cordeiro:

A revisão da literatura narrativa ou tradicional, quando comparada à revisão sistemática, apresenta uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. A seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva. (2007, p. 429)

Optei por um recorte de produções acadêmicas publicadas a partir de 2004, considerando que o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741) foi aprovado em outubro de 2003. Para consultar utilizei as bases de dados Scielo para periódicos científicos, e recorri a diversas fontes, destacando-se o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e sites de órgãos governamentais da área da Assistência Social. A revisão buscou identificar onde estas fontes situam os espaços lúdicos nas políticas públicas, nas Instituições de Longa Permanência para Idosos, nas famílias,

etc. Além disso, pretendi analisar como estas fontes estabelecem as relações intergeracionais com a dimensão lúdica da vida.

Além disso, tornar os resultados de outras pesquisas mais acessíveis através da divulgação, além de reduzir o tempo na utilização do conhecimento científico, pois possibilita o acesso a diversas pesquisas realizadas em outros estudos. Existe um grande volume de informações científicas geradas na área da Saúde sobre o envelhecimento fato que aponta para a necessidade de estabelecer novas relações e cruzamentos, possibilitando conclusões baseadas na combinação dos resultados oriundos de múltiplas fontes.

3.1 A metodologia aplicada ao plano de negócio

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, foi elaborado um estudo de viabilidade mercadológica para o projeto de curso de extensão. O meu embasamento foi o livro de Philip Kotler (2000). O plano é composto de uma análise de mercado (parceiros, clientes, concorrentes e fornecedores); da definição do público alvo; do posicionamento do curso; estratégias de comercialização; e estudo de implementação e viabilidade financeira.

Para traçar o perfil do público alvo foi realizada uma busca nos sites oficiais dos Governos Municipais e das principais instituições que mantêm trabalho com idosos, tendo em vista a sua localização e área de atuação. Para fins deste curso foi feito o levantamento dos grupos de idosos de Canoas e São Leopoldo e constatou-se um expressivo número de idosos envolvidos nos grupos: São Leopoldo (prefeitura): 8 grupos; Pró Maior Unisinos: 21 grupos (2018), Canoas: 26 grupos, com número total de 1490 idosos por mês. SESC/Canoas, SESC/SL não mencionam o número de grupos.

Por outro, lado existe em algumas escolas da Educação Básica, um trabalho emergente, integrando estudantes e a população idosa. Por isso, está se propondo o curso de extensão envolvendo, como público alvo, educadores; cuidadores de idosos; voluntários; idosos que já participam de grupos organizados; e público em geral. Certamente estas iniciativas escolares visam ao atendimento de algumas indicações da Base Nacional Comum Curricular que sugerem para a etapa da

Educação Infantil, o desenvolvimento das temáticas político-pedagógicas “Direitos de aprendizagem e desenvolvimento” e “Campos de Experiências” dentro da composição dos eixos estruturantes interações e brincadeiras, de modo a considerar as interações das crianças não só com as demais, mas também das crianças com os adultos do entorno familiar ou comunitário. Entre estes direitos defendidos pela BNCC estão o de **conviver** e o de **brincar**; entre os campos de experiência, tem-se “o eu, o outro e o nós” e “escuta, fala, pensamento e imaginação” que remetem para situações comunicativas cotidianas com as pessoas do grupo familiar e da comunidade escolar.

Sendo que no caso específico, pretende-se garantir a participação dos envolvidos através da articulação de um grupo organizador com representantes dos segmentos/parceiros que serão convidados para tal finalidade.

Durante a etapa final da pesquisa, a ideia era apresentar e discutir a proposta do curso de extensão com profissionais da área da Educação Continuada e do Serviço Social da Universidade La Salle. Porém, em virtude da epidemia - COVID-19, que eclodiu em meados de março de 2020, várias adequações foram necessárias. O projeto passou por reformulações, a metodologia foi se ajustando conforme os conteúdos vistos no curso e avançando com o andamento da pesquisa bibliográfica. Os procedimentos foram se reconstruindo no decorrer do caminho. Conforme Lima e Miotto,

Essa flexibilidade, porém, não significa descompromisso com a organização racional e eficiente frente à tarefa, pois a pesquisa bibliográfica requer do realizador, atenção constante aos ‘objetivos propostos’ e aos pressupostos que envolvem o estudo para que a vigilância epistemológica aconteça (LIMA; MIOTO, 2007 p. 40).

A partir da sistematização das informações e considerando as lacunas e as demandas apontadas na literatura, passou-se para uma projeção e análise de possíveis soluções que se enquadrariam na proposta de um produto final viável. Resultando o curso de extensão universitária: “Memória Social e Brincadeiras na Atenção com Idosos” como objetivo a produção conjunta e a transferência de conhecimento para o bem-estar da população idosa. Além disso, a proposta de

formação traz discussões conceituais com a possibilidade de uso também como material didático.

Por sugestão do orientador Dr. Lucas Graeff, a proposta foi submetida à pesquisadora Jussara Rauth, Professora, Presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa do Rio Grande do Sul. Graduada em Serviço Social. Especialista em Gerontologia. Mestre em Inclusão Social e Acessibilidade. Associada da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. De 2006 a 2008 foi Conselheira da sociedade civil no Conselho Nacional dos Direitos do Idoso; e Dr. Sergio Antonio Carlos, Professor da UFRGS desde 1974. Conselheiro titular do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa e coordenador da Comissão de Políticas Públicas do mesmo Conselho, gestão 2018/2020. Além disso, foi coordenador da I Conferência Estadual do Idoso (primeira realizada no Brasil). Editor da revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento desde 1999.

A interlocução com especialistas representou uma oportunidade de avanço e um momento de conexão com quem se encontra diretamente envolvido com a defesa dos direitos das pessoas idosas. E ao mesmo tempo, uma avaliação de quem tem o olhar da realidade concreta e está em contato constante com o tema, refletindo a capacidade crítica e real sobre o assunto.

A partir das indagações e sugestões recebidas pelos dois especialistas, foram realizados os ajustes e as adequações no projeto de curso de extensão. Cabe aqui destacar alguns pontos. O primeiro, pede por uma melhor definição dos Conselhos:

na minha leitura é bastante problemático quando traz o tema Conselhos. [...] Seria preciso enfatizar o caráter também (ou principalmente) de controle social e seu caráter deliberativo. Considerar que os conselhos são órgãos de Estado. Quando é abordado a participação da sociedade civil é preciso lembrar que a participação não é individual, mas representativa e que as entidades não governamentais são também sociedade civil (Carlos, 2020).

Os Conselhos de Direitos são entidades com atribuição administrativa, estabelecidas por Lei em todos os Estados e Municípios da Federação, situadas na estrutura do Poder Executivo, mantêm independência e autonomia na tomada de decisões, e, além disso, promover um espaço de interlocução entre sociedade e gestores públicos, formulando políticas, controlando ações e mediando negociações

no sentido de garantir os direitos constitucionais de públicos específicos ou de garantia da oferta de determinados serviços públicos. Engloba a perspectiva de que a sociedade e o Estado, juntos, tem papel fundamental na formulação, implantação e regulação de uma política de atendimento e proteção integral. No entanto, seu bom seu funcionamento depende de vontade política para investir em uma estrutura que lhes dê suporte.

A participação popular na gestão e no controle social das políticas públicas sociais, especialmente nos municípios, está consagrada como um fundamento constitucional peculiar do Brasil. Os artigos 198, 204 e 206 da Constituição Federal ressaltam a participação popular nos respectivos conselhos das políticas da saúde, assistência social, educação, idoso, entre outros por meio de organizações representativas, tanto na formulação dos programas e ações destas políticas quanto no seu controle social em todas as instâncias da federação. O objetivo dos conselhos das políticas sociais é aproximar os órgãos estatais da sociedade civil e vice-versa, no sentido tanto da participação quanto no da responsabilidade comunitária (BRASIL, 1988).

Especificamente no caso dos idosos, o artigo 203 da Constituição Federal de 1988 universalizou o direito à Assistência Social visando garantir “a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice”. O artigo 204 estabelece em seu inciso II que uma das diretrizes das “ações governamentais na área da assistência social” é a “participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis”. O artigo 230 assegura que a “família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas”, a criação dos Conselhos de Idosos nos municípios viabiliza esta articulação entre os deveres que são conjuntas da família, da sociedade e do estado para a garantia mais ampla possível da “dignidade e bem-estar” e do “direito à vida” da pessoa idosa. Os Conselhos são instrumentos de garantia da participação popular na gestão pública, e nos espaços onde a Sociedade Civil, diretamente interessada possa influir, acompanhando, avaliando e fiscalizando as atividades e decisões governamentais. Portanto, são mecanismos de gestão e controle social da execução das políticas que asseguram a participação democrática e representativa da sociedade civil (BRASIL, 1988).

Soma-se a esses princípios constitucionais, a mobilização anterior e posterior dos movimentos sociais no final do século passado resultando em um processo de democratização dos mecanismos de participação social. Nesse contexto, foram efetivados o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDI) e os Conselhos Estaduais e Municipais do idoso. Em linhas gerais, é papel dos Conselhos a fiscalização, acompanhamento, proposição e deliberação a respeito das políticas públicas e dos recursos dos Fundos Públicos, nos três níveis de governo. Os Conselhos são avanços institucionais significativos e de caráter inovador nas últimas décadas nas políticas para os idosos. Nos moldes definidos pela Constituição Federal de 1988, o Conselho é constituído, de forma paritária, por conselheiros indicados pelo governo e pela sociedade civil e por entidades da sociedade civil organizada, com atuação na promoção e defesa dos direitos da pessoa idosa. Além disso, cada Conselho (por força de lei) tem um caráter de controle social e seu caráter deliberativo no sentido de propor ações nas políticas públicas a serem executadas pelos órgãos públicos e privados atinentes a tais setores sociais, portanto, a participação não é individual, mas coletiva e representativa da sociedade através das entidades não governamentais da sociedade civil e dos organismos estatais mantidos pelos entes federados (BRASIL, 1988).

Dr. Sergio ainda fez o questionamento sobre a avaliação do curso de extensão pelos futuros participantes, ponto importante a ser considerado. A avaliação das atividades desenvolvidas será realizada ao final de cada etapa, através da análise das dificuldades, erros e acertos, buscando sugestão de melhorias. Será elaborado um questionário para todos os participantes, e servirá de indicador de monitoramento e aproveitamento em relação aos objetivos propostos. Além disso, a avaliação se dará durante todas as etapas, desde o planejamento e com todos os envolvidos para garantir as condições de efetividade e, uma eventual multiplicação da proposta. A identificação das metas (Quantas Pessoas?): Elencar as metas relacionando-as com os objetivos propostos. A explicitação de indicadores, que serão os medidores da efetividade do trabalho para que se possam avaliar os resultados.

Foram elaborados textos base para os primeiros módulos. Em relação a este ponto Dr. Carlos menciona, com pertinência:

Os textos, em geral, estão bem elaborados e as temáticas se articulam entre si. Tenho algumas observações básicas a fazer. Os textos poderiam ter um título e constar o nome do autor. Eles vão acabar circulando independente do projeto. Os participantes terão acesso aos mesmos com antecedência? Ou são textos base para o ministrante do curso? Caso o texto seja disponibilizado e/ou trabalhado durante cada modulo seria interessante deixar claro como será feito.

A professora Jussara destacou a importância do tema: “Quanto mais pudermos demonstrar, a partir de diferentes e acessíveis atividades, que o valor das pessoas idosas está na experiência vivida, e isto é que lhes dá sabedoria e responsabilidade pela transmissão às demais gerações e idades”. Em relação aos eixos: “estão bem adequados, pois passeiam pelas principais áreas de informação”. Os módulos bem distribuídos. E destaca que a formação “pode contribuir e muito com os gestores municipais da Educação para cumprir o artigo 22 do Estatuto da Pessoa Idosa”.

Outra questão levantada pela Professora Jussara se refere à questão do financiamento do curso: “Gostaria de sugerir que o projeto seja apresentado quando da abertura de edital do Fundo Estadual pelo Conselho Estadual da Pessoa Idosa, para candidatar-se a financiamento [...] é uma proposta bem interessante de política pública”, ponto que merece um destaque maior, com informações mais detalhadas, no plano de negócios, isso por se tratar da questão da viabilidade econômica da formulação de propostas do tipo de negócios de impacto social². Quando se trata de uma ação que tenha como objetivo o atendimento de uma demanda local e social, todas as etapas de um plano terão que estar adaptadas à dimensão desse contexto, e a base das informações deve atingir um nível de detalhamento tal que sejam

² O Termo “Negócio Social” vem sendo usado pelos autores: SANTANA, A. L. J. de M.; VOLPI, A. A.; FONSECA, J. W. F. da. Análise de viabilidade econômica dos negócios sociais. In: SANTANA, A. L. J. de M.; VOLPI, A. A.; FONSECA, J. W. F. Empreendedorismo com foco em negócios sociais. Curitiba: UFPR, NITS, 2015, p. 11-29.

suficientes para justificar a racionalidade de tais investimentos e para considerar a adequada modalidade da parceria.

Em se tratando de um Negócio Social, deve-se ainda levar em conta a dimensão e os dados qualitativos da comunidade a ser atendida [...] o empreendedor e os investidores do negócio social, terão que pesquisar formas inovadoras de produção de bens e serviços a estas comunidades beneficiárias, que se traduzam em elevado impacto sócio-econômico e ambiental, com fortes elementos de inclusão sócio-econômica dos cidadãos, tanto capacitando-os para atuarem produtivamente no empreendimento, em suas diferentes etapas, como habilitando-os a acessarem o consumo do bem/serviço, dado o preço final adequado à realidade econômica que enfrentam (SANTANA et al., 2015, p. 28).

Diante disso, considero importante inserir no curso de extensão, de forma resumida, algumas referências sobre o financiamento de recursos através de editais públicos, os Fundos Públicos, lembrando ainda, que existem outras fontes disponíveis para o financiamento de projetos junto ao governo federal brasileiro, aos governos estrangeiros com programas de cooperação técnica. Em 2019, através do Conselho Estadual da Pessoa Idosa, e Fundo Estadual da Política da Pessoa Idosa (FUNPEPI), foram disponibilizados 1.500.000,00 a Municípios Gaúchos. É possível acessar tais fundos respeitando os critérios e finalidades estabelecidos nos Editais.

Se a velhice, na era do capitalismo, é associada à aposentadoria, doença e dependência, torna-se relevante buscar na literatura os aspectos que desafiam a forma tradicional de pensar, que brincar e ensinar são tarefas de crianças e gente jovem. O reconhecimento político e social das contribuições que os idosos podem dar na educação sobre o envelhecimento se traduz no cuidado de si e das pessoas mais velhas, reduzindo o risco de discriminação e abuso. A situação atual de pandemia da COVID-19 trouxe desafios sem precedentes para toda humanidade, no entanto, para os idosos, além de estarem no grupo de maior risco de contágio, estão sendo considerado um peso maior no sistema de saúde. As necessidades psicológicas, neste período, são aspectos novos para muitos dos idosos, os efeitos impactam de forma diferente em cada um, no entanto, a saúde mental está diretamente ligada a questão do respeito às dificuldades reais de cada um. As pessoas mais idosas ainda têm maiores dificuldades para acessar as plataformas

digitais de comunicação, o que pode acabar impactando em um isolamento ainda maior aos que estiverem nesta situação em uma época em que o recomendado é a ausência do contato físico.

É a partir destas reflexões que a seguir que iremos apresentar a proposta de Curso de Extensão com três módulos teóricos 1) Memória Social e o Brincar na Velhice. O lugar da cultura na transmissão do brincar, tendo como suporte as memórias dos velhos do brincar na infância, sejam elas tradicionais, ou não; 2) Protagonismo; Estatuto da Pessoa Idosa; Atendimento, acolhimento e institucionalização; 3) Experiências Intergeracionais envolvendo crianças/idosos; espaços com potencial de integração intergeracional através de memórias e experiências lúdicas; e o quarto módulo apresenta a ideia de Oficinas de saberes e práticas lúdicas na atenção à Pessoa Idosa.

4 CURSO DE EXTENSÃO



CURSO DE EXTENSÃO: Memória social e brincadeiras na atenção à Pessoa Idosa

**Proposta elaborada a partir de uma pesquisa em
Memória Social e Bens Culturais
Tobias Uptmoor Pauly**

RESUMO DA PROPOSTA

1. **Apresentação do curso:** o curso de extensão “MEMÓRIA SOCIAL E BRINCADEIRAS NA ATENÇÃO À PESSOA IDOSA” é resultado de uma pesquisa de mestrado profissional em Memória Social e Bens Culturais. Seu objetivo é incentivar gestores e profissionais no campo do envelhecimento a elaborar estratégias e colocar em prática ações envolvendo experiências lúdicas e o brincar da pessoa idosa e da criança. A concepção político-antropológica desta proposta considera o cidadão idoso como produtor da cultura e, nesse sentido, capaz de contribuir para que os gestores e operadores das políticas públicas identifiquem espaços lúdicos nas escolas, nas Instituições de Longa Permanência para Idosos e outras instituições sociais. O curso prioriza relatos e apresentações de experiências que tenham como foco a ludicidade e se propõe a identificar espaços lúdicos nas políticas públicas, nas escolas, nas Instituições de Longa Permanência para Idosos, nas famílias, etc.
2. **Palavras-chave:** memória social; brincadeiras; lúdico; atenção à Pessoa Idosa.
3. **Público-alvo:** Gestores; Educadores; Cuidadores; Voluntários; Pessoas Idosas que já participam de grupos organizados; Público em geral.
4. **Carga horária:** 20 h
5. **Programa do curso:** quatro módulos de 5 horas cada. Os três primeiros são de discussão teórica e trocas de experiências e o último é uma oficina de práticas lúdicas.
 - Módulo 1: Memória social, lúdico e envelhecimento
 - Módulo 2: Direito do idoso ao lúdico
 - Módulo 3: A pessoa idosa como guardiã de memórias e experiências culturais
 - Módulo 4: Oficina de saberes e práticas lúdicas na atenção à Pessoa Idosa.

Em relação ao formato de sequência didática, correspondências entre competências, habilidades, unidades temáticas, objetos do conhecimento, metodologias e recursos a serem utilizados no curso, segue a orientação da integração de profissionais de apoio pedagógico para revisão criteriosa da didática e forma de apresentação do curso, no sentido de construir as competências habilidades, unidades temáticas, objetos do conhecimento, metodologias e recursos a serem desenvolvidas em cada módulo.

6. Avaliação: A avaliação das atividades desenvolvidas será realizada ao final de cada etapa, através da análise das dificuldades, erros e acertos, buscando sugestão de melhorias. Deverá ser elaborado um questionário para todos os participantes, e servirá de indicador de monitoramento e aproveitamento em relação aos objetivos propostos. Além disso, a avaliação se dará durante todas as etapas, desde o planejamento e com todos os envolvidos para garantir as condições de efetividade e, uma eventual multiplicação da proposta.

Justificativa

Esta proposta de curso se justifica, em primeiro lugar, pela importância, reconhecimento e valorização da pessoa idosa como guardiã de memórias, de maneiras de fazer e de formas de expressão. Ainda que, nos dias de hoje, muitas informações estejam disponíveis em arquivos, há certas formas de saberes que dependem profundamente da vivência de experiências e das emoções que elas provocam. No caso do brincar e das brincadeiras, as pessoas idosas podem compartilhar essas vivências e emoções, colaborando para a sua respectiva transmissão entre gerações. A relevância da transmissão intergeracional de saberes e fazeres é destacada na Lei Federal nº 10.741/2003 Lei Federal 8842/1994 da Política Nacional da Pessoa Idosa. Na Lei 10741/2003 do Estatuto da Pessoa Idosa e no documento Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 19) e no Estatuto, que fazem referência ao processo de envelhecimento e o respeito e a valorização do idoso. Considerando-se a pessoa idosa como guardiã de memórias, de maneiras de fazer e de formas de expressão, é possível interpretar esta proposta de curso de extensão como colaborando para a promoção de bens culturais de

natureza imaterial. Conforme a Constituição Federal, em seus artigos 215 e 216, o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial culturais, incluídos aí os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Portanto, a promoção de experiências lúdicas e do brincar entre gerações pode colaborar tanto para a valorização da pessoa idosa quanto para a promoção do patrimônio cultural brasileiro – no que diz respeito a práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer, como celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas (IPHAN, 2014). O IBGE estima que, em 2050, 22% da população brasileira será formada por pessoas de mais de 60 anos, um número maior que o de pessoas de até 15 anos. Serão milhões de pessoas que, potencialmente, podem participar na transmissão de práticas entre gerações, como prevê o Estatuto da Pessoa Idosa, especificamente o § 2º do Art. 21: “transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade cultural” e o Art. 22 que propõe a inserção nos currículos escolares “conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”.

MÓDULO 1: Memória Social e o Brincar na Velhice

1. Unidade temática:

Apresentação geral do curso; tópicos em Memória social; o brincar e o lúdico na velhice.

2. Metodologia de trabalho:

Discussão em grande grupo de ideias - mediar um bate papo em formato de entrevista coletiva com perspectivas diferentes sobre a velhice, e conceitos; troca de experiências. Debate em pequenos grupos com iniciativas locais convidadas: Grupo de pesquisas de Universidades, pesquisadores engajados na temática.

3. Texto-base:

A perspectiva teórica deste curso de extensão insere-se no campo da memória social. Neste primeiro módulo, discutiremos as relações entre memória social e envelhecimento com vistas a sublinhar a importância do lúdico e das brincadeiras na velhice e do lúdico na velhice.

Para nós, o livro de referência de uma pesquisadora brasileira sobre memória social e envelhecimento é "Memória e Sociedade: lembranças de velhos", de Ecléa Bosi. Esse livro traz reflexões sobre memória e envelhecimento de forma poética; a autora parece até mesmo "brincar" com as lembranças dos idosos que entrevistou.

No capítulo *Tempo de lembrar*, Ecléa Bosi descreve aspectos do papel dos velhos, destacando a sua importância na concepção da cultura: testemunhas da história pessoal e coletiva. Para a autora, a sociedade industrial tende a construir uma imagem negativa da velhice, como se essa etapa da trajetória de vida das pessoas fosse habitada por um sentimento de descontinuidade e de ausência de sentido. Isso porque, em uma sociedade industrial, a etapa de vida produtiva - a vida adulta - é valorizada de maneira avassaladora com relação à juventude e à velhice. Assim, a perda da continuidade seria o fato marcante da sociedade moderna capitalista haja vista, que a memória dos idosos não é mais valorizada, tornando-se difícil resgatar a história, crescendo o fosso entre as gerações, as quais vivem separadas, cada qual reunida em torno de atividades que lhe são específicas.

Muitas vezes escutamos a pessoa idosa dizer “velho não faz mais nada”. E ela começa a acreditar que não faz. Ao valorizar o conhecimento presente na memória dos velhos potencializamos a “reconstrução” de aspectos da cultura. A memória traduzida em palavras, fotografias, lembranças fragmentadas transmite uma experiência vivida. Através dela, temos acesso aos momentos que permanecem e foram significativos. Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 63):

[...] há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento a velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

E a função da memória diz respeito: “unir o começo ao fim, tranquilizar as águas revoltas do presente alargando as suas margens” (BOSI, 1994, p. 82). Todos nós trazemos a infância em nossas memórias, é nela que através do brincar construímos a nós mesmos.

Como bem demonstrou Bosi (1994, p. 82-83), é uma preciosidade para os velhos unir o começo ao fim, recuperando um tempo capaz de remeter à unidade de uma vida, que, no momento presente, defronta-se com um contexto do *“já não existe mais”* ou *“no meu tempo não era assim”*. São frases ditas com certa nostalgia e saudosismo, pois, ao recordarem, evocam experiências relevantes que não se repetem e lugares que deixaram de existir, como uma casa, uma rua ou uma praça. É um “mundo perdido” na memória dos velhos:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 1994, p. 83).

Nesse ponto, a reflexão de Bosi busca inspiração em Maurice Halbwachs e em Henri Bergson, porque a autora pretende trabalhar tanto com a perspectiva coletiva quanto com a individual. Ela escreve:

Cada relato remete a situações em que o depoente se envolveu em interação com outras pessoas, reflete as crenças que adquiriu em seu grupo, se ancora temporalmente aos eventos que fizeram notícia e qualificaram a época [...]. "A vida 'privada' constitui o testemunho de um tempo coletivo" Halbwachs foi uma referência importante para o trabalho de Ecléa Bosi sobre lembranças de velhos. Para Halbwachs, a lembrança é reconhecimento e reconstrução. E afirma da necessidade da comunidade afetiva, "Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodearam" (1990, p. 32).

Um autor estrangeiro frequentemente citado nos estudos em memória social é Michael Pollack (1992). Além de tratar do conceito de memória coletiva em Halbwach, Pollack examina as contribuições da história oral e do que denomina "memórias subterrâneas". No caso dos idosos, essas memórias envolvem experiências vividas coletivamente que acabam adormecendo ao longo dos anos, mas que afloram "em momentos de crise engendrando conflitos e disputas, silenciosamente subvertem a lógica imposta por uma memória oficial coletiva". Explorar os limites entre o "esquecido" e o "não dito" da memória é um dos pontos sensíveis para quem trabalha com idosos, posto que esses "não-ditos" podem evocar experiências traumáticas.

Para a pessoa idosa que se encontra em uma condição física ou mental frágil, por exemplo, as memórias traumáticas podem colaborar na perda da autoestima do autocuidado. Nesse contexto, lembrar-se do lar, de algum conforto, da família, é lembrança que dói. A perda da família desencadeia, para alguns, a oportunidade de tornar-se usuário dos programas da Assistência Social. Tendo em vista um melhor entendimento da pessoa idosa, é necessário estar atento a tais particularidades, bem como à singularidade das histórias de vida à dimensão sociocultural das suas interações sociais.

Maurice Halbwachs, autor clássico nos estudos em memória social, ressalta que "se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros" (1990, p. 25). Esse apoio memorial é fundamental no trabalho com pessoas idosas. Em muitos casos, pode-se correr o risco de perder a confiança nas lembranças ou esquecê-las com o passar dos anos. Daí a importância das "testemunhas":

Assim, para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias. Elas não seriam suficientes. Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. (HALBWACHS, 1990, p. 27).

A articulação entre a memória individual e coletiva é explicada por Halbwachs (1990) como resultado da relação dos indivíduos em seus grupos sociais. Essa relação é interessante porque coloca a ênfase nas interações humanas e permite, para os fins deste curso, de compreender como as brincadeiras e o lúdico permitem mobilizar as memórias dos idosos. Nesse ponto, os estudos a partir de Johan Huizinga (2000) favorecem a compreensão dos entrelaçamentos entre o lúdico, as brincadeiras e a cultura. Escreve o autor:

Encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos. [...] em que medida a cultura atual continua se manifestando através de formas lúdicas? Até que ponto a vida dos homens que participam dessa cultura é dominada pelo espírito lúdico? (HUIZINGA, 2000, p. 140).

O lúdico está associado à cultura nos atos de brincar e de jogar, mas especialmente ao ato de trazer lembranças prazerosas do passado, no sentido de refazer, reconstruir, repensar, e sentir prazer com as lembranças quando o corpo já não permite ou reduz a capacidade de participar ativamente. Evocar memórias dos velhos sobre as brincadeiras pode ser uma mediação criativa entre a nova geração e as testemunhas do passado, uma proposta de articulação entre a memória individual e coletiva. Além disso, o lúdico que também remete à ideia de fazer-de-conta, de ruptura com as significações da vida cotidiana.

Nos dias de hoje, o lúdico e a brincadeira são ora tratados como práticas infantis, ora como práticas de lazer. O sociólogo Joffre Dumazedier é uma referência no campo do lazer. Segundo ele, o lazer é

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada,

sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora (DUMAZEDIER, 1999, p. 94).

Para o autor, o lazer completo possui caráter libertador, o que é relevante para o trabalho com idosos. Aliás, Dumazedier menciona indiretamente a velhice ou Terceira Idade na sua classificação dos momentos de lazer: lazer do fim do dia, do final de semana, do final do ano e do fim da vida.

O filósofo Walter Benjamin é outro autor que enfatiza o caráter libertador da brincadeira (2002, p. 85). Para ele, brincar ou fabricar brinquedos e falar do tempo de brincar da sua infância permite uma série de relações metafóricas para lidar com os problemas e com a vida. A partir disso, pode-se afirmar que a velhice é o momento mais sensível da lembrança. Considerando-se que o brincar é um processo que produz subjetividades, observa-se que os idosos se encontram confrontados com a crescente subtração deste espaço de criatividade. O processo de transformação do brinquedo como objetos industrializados marca um distanciamento entre o brincar, a criatividade e subjetividade. Benjamin menciona os artefatos preferidos para o brincar das crianças antes da industrialização: “Madeira, ossos, tecidos, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos” (BENJAMIN, 2002, p. 91-92).

Ao promovermos a lembrança sobre as experiências lúdicas das pessoas idosas, estamos mobilizando a dimensão afetiva dessas experiências para os idosos. Em situações de isolamento no domicílio ou de institucionalização, a promoção do lúdico e de brincadeiras se apresenta como uma possibilidade de liberação dos afetos e de estímulo ao relacionamento social. No estudo realizado por Graeff em uma instituição asilar em Porto Alegre, as festas, os jogos e o lazer foram descritos como "momentos de efervescência social, que extravasam os hábitos e rotinas diárias e enquadram socialmente a memória" (GRAEFF, 2006, p. 13). Citando Huizinga, “o lúdico deve ser pensado como uma forma específica de atividade, como ‘forma significativa’, como função social” (HUIZINGA *apud* GRAEFF, 2006, p. 6). O estudo de Graeff define o jogo como uma atividade voluntária, que

implica em uma evasão da 'vida real' para uma esfera temporal, propiciando um espaço simbólico singular que ajuda a compreender o modo como estamos usando os aspectos da ludicidade. Essa atividade pode ser ampliada quando nessa concepção "abre-se um espaço potencial para sociabilidades, jogos e festas, que interrompem o dia-a-dia" (GRAEFF, 2006, p. 7).

Em casos onde o investimento nas brincadeiras, no lúdico e na sociabilidade é significativo, até mesmo a formulação de um projeto de vida pode ocorrer. Em um dos casos estudados por Graeff, um dos idosos encontrava-se triste e sem esperanças quando de sua entrada em instituição. Chegou-se a cogitar uma depressão. Após algumas semanas, o idoso foi convidado a dirigir-se a um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), algo que nunca tinha feito ao longo de sua vida. A partir de então, ele passou a se interessar pelas culturas e etnias formadoras do Rio Grande do Sul e a frequentar reuniões mensais no CTG. Depois, recebeu a doação de uma vestimenta apropriada - uma "pilcha" - e fez questão de apresentá-la ao pesquisador.

Outro tipo de projeto que emerge com a promoção das brincadeiras e do lúdico é a narrativa. Narrar significa colocar-se em relação, imaginar um processo e antecipar as reações de quem testemunha a narrativa. As brincadeiras podem impulsionar narrativas do presente, do passado e do futuro (no sentido de imaginar o que está por vir). Em virtude disso, Graeff afirma que as narrativas são "táticas de reinvenção do cotidiano: através dos jogos da memória, os sujeitos protagonizam histórias que invertem hierarquias sociais e ultrapassam, através da imaginação, os limites da experiência vivida." (GRAEFF, 2006, p. 100).

Referências e sugestões de leitura:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 (Alguma resenha ou resumo).

CARVALHO, Malô; ARMANI, Suzete. **Gente de muitos anos.** Coleção no caminho da cidadania. Autêntica. SP. 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FERRIGNO, José Carlos. O Cidadão Idoso: Consumidor e Produtor Cultural. In. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões.** (Org.) Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano e Karla Cristina Giacomini/Rio de Janeiro, p. 343 – 357, 2016.

GRAEFF, L.. **O mundo da velhice e a cultura asilar:** estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique em Porto Alegre. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

_____. Considerações sobre a velhice institucionalizada: memória social, cotidiano e ritmos de vida. **Polis e Psique**, Vol. 1, n. 1, 2011. Porto Alegre.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva.** São Paulo. Vértice, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens:** O jogo como elemento da cultura – Cap. 1 Natureza e Significado do Jogo como Fenômeno Cultural, Ed Perspectiva, SP, 2000.

MÓDULO 2: Direito e Protagonismo do Idoso

1. Unidade temática:

Protagonismo da pessoa idosa; Estatuto da Pessoa Idosa; Atendimento, acolhimento e institucionalização.

2. Metodologia de trabalho:

Discussão em grande grupo de ideias - a partir do olhar sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e seus avanços de respeito à pessoa idosa. e conceitos; troca de experiências em pequenos grupos/oficinas. Depoimento/Encontro com Iniciativas locais convidadas: pessoas engajadas com a temática nos governos municipais, Conselhos Municipais da Pessoa Idosa e lideranças dos grupos, tendo em vista seu potencial de impulsionar políticas públicas e fortalecer a atuação da sociedade civil. Um panorama sobre iniciativas relevantes, experiências concretas e tendência em termos de inovação, criatividade e demandas.

3. Texto-base:

Como a sociedade pode enfrentar e garantir uma velhice digna para todos, considerando o envelhecimento demográfico? A resposta a essa questão passa pelas ações públicas e privadas e a pela mobilização da sociedade civil. Afinal, como veremos neste módulo, a conquista de direitos para a velhice no Brasil resulta do protagonismo do idoso.

Em sua tese de doutorado, Júlio de Assis Simões (2000) descreve a transformação e as conquistas dos movimentos de aposentados, que são os principais protagonistas no campo dos direitos do idoso no Brasil até os anos 1990. Segundo Simões, os movimentos de aposentados são “atores coletivos movimentando-se num campo político complexo” da defesa de direitos previdenciários e contribuíram para expor publicamente as dificuldades e carências dos idosos no País. Em outras palavras, as mobilizações de aposentados foram sempre além de uma mera reivindicação redistributiva, contribuindo para que se generalizasse a percepção de que a questão tocava em conflitos e questões mais profundas em relação à velhice.

As organizações de luta dos aposentados possuem uma longa história. Do ponto de vista da Previdência Social, a primeira conquista ao direito de aposentadoria no Brasil pertence aos ferroviários, pelo Decreto nº 4.682, de 24 de janeiro de 1923 (Lei Eloy Chaves), que criou “em cada uma das empresas de estradas de ferro existentes no país, uma caixa de aposentadoria e pensões para os respectivos empregados” (BRASIL, 1923)³. O trabalho de Simões (2002) mostra como os movimentos locais e nacionais dos aposentados alcançaram notoriedade por sua “capacidade de expressar dramaticamente os problemas enfrentados pelos aposentados e articular uma defesa eficiente não só dos interesses de sua ‘categoria’ junto ao poder público, como também do direito social à aposentadoria” (SIMÕES, 2000, p. 3). Assim, eles confrontaram a percepção da aposentadoria como perigo social para a situação econômica, fundamentando-se no “argumento de que o direito social à aposentadoria envolve um pacto intergeracional que forma uma esfera pública de proteção aos mais idosos [...], uma solidariedade entre as gerações” (SIMÕES, 2000, p. 30). E, sobretudo, os movimentos sociais de aposentados contribuíram para a transformação do “idoso em um ator político” deixando a sociedade brasileira mais sensível aos problemas relacionados com o envelhecimento.

O protagonismo das instituições da sociedade civil representativas das pessoas idosas, juntamente com os movimentos dos aposentados e idosos vai colaborar decisivamente para a construção e aprovação do Estatuto da Pessoa Idosa. A descentralização político-administrativa introduzida nos órgãos gestores das políticas públicas sociais foi uma das conquistas democráticas da Constituição Federal promulgada em 1988. As ações públicas especificamente voltadas ao atendimento das demandas das pessoas idosas, foram reguladas pela Lei Federal 8.842 aprovada em janeiro de 1994 que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. A execução dessa política compete ao poder executivo federal, mas, conforme o artigo 5º, “a coordenação geral da política nacional do idoso” contará “com a participação

³ Mantida a grafia original.

dos conselhos nacionais, estaduais, do Distrito Federal e municipais do idoso”. O artigo 6º desta Lei, estabelece que

Os conselhos nacional, estaduais, do Distrito Federal e municipais do idoso serão órgãos permanentes, paritários e deliberativos, compostos por igual número de representantes dos órgãos e entidades públicas e de organizações representativas da sociedade civil ligadas à área. (BRASIL, 1994).

Essa democratização da gestão das políticas públicas sociais permitiu a descentralização dos Sistemas de Saúde e da Assistência Social com a criação do Sistema Único de Saúde e da Lei Orgânica da Assistência Social, cada uma das quais passou a implementar Ações Específicas para Idosos, garantindo a execução através do Estatuto da Pessoa Idosa, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, visando proteger e garantir direitos aos idosos. Dentre essas ações, destacamos os Centros de Convivência do Idoso (CCI), as atividades nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e o acompanhamento no Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS) para casos específicos de violência e abandono contra os idosos.

Os Conselhos de Direitos são entidades com atribuição administrativa, estabelecidas por Lei em todos os Estados e Municípios da federação, situadas na estrutura do Poder Executivo, mantêm independência e autonomia na tomada de decisões, e, além disso, promovem um espaço de interlocução entre sociedade e gestores públicos, formulando políticas, controlando ações e mediando negociações no sentido de garantir os direitos constitucionais. Engloba a perspectiva de que a sociedade e o Estado, juntos, têm papel fundamental na formulação, implantação e regulação de uma política de atendimento e proteção integral. No entanto, seu bom funcionamento depende de vontade política para investir em uma estrutura que lhes dê suporte.

A participação popular na gestão e no controle social das políticas públicas sociais, especialmente nos municípios, está consagrada como um fundamento constitucional peculiar do Brasil. Os artigos 198, 204 e 206 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 ressaltam a participação popular nos respectivos conselhos das políticas da saúde, assistência social, educação, idoso,

entre outros por meio de organizações representativas, tanto na formulação dos programas e ações destas políticas quanto no seu controle social em todas as instâncias da federação. O objetivo dos conselhos das políticas sociais é aproximar os órgãos estatais da sociedade civil e vice-versa, no sentido tanto da participação quanto no da responsabilidade comunitária. Especificamente no caso dos idosos, o artigo 203 da Constituição Federal de 1988 universalizou o direito à Assistência Social visando garantir “a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice”. O artigo 204 estabelece em seu inciso II que uma das diretrizes das “ações governamentais na área da assistência social” é a “participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis”. O artigo 230 determina que a “família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. A atribuição desse dever implica na atuação conjunta da família, da sociedade e do Estado no amparo à pessoa idosa. A institucionalização e atuação dos Conselhos de Idosos em cada município e estado do país torna viável a articulação da cidadania, da sociedade civil e das entidades governamentais na garantia mais ampla possível da “dignidade e bem-estar” e do “direito à vida” da pessoa idosa. Os Conselhos são instrumentos que garante a participação popular na gestão pública, e nos espaços onde a Sociedade Civil, diretamente interessada possa influir, acompanhando, avaliando e fiscalizando as atividades e decisões governamentais.

Soma-se a esses princípios constitucionais, a mobilização anterior e posterior dos movimentos sociais no final do século passado resultando em um processo de democratização dos mecanismos de participação social. Nesse contexto, foram criados o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDI) e os Conselhos Estaduais e Municipais do idoso. Em linhas gerais, é papel dos Conselhos a fiscalização, acompanhamento, proposição e deliberação a respeito das políticas públicas e dos recursos dos Fundos Públicos, nos três níveis de governo. Os Conselhos representam avanços institucionais significativos e de caráter inovador nas últimas décadas nas políticas para os idosos. Nos moldes definidos pela Constituição Federal de 1988, o Conselho é constituído, de forma paritária, por

conselheiros indicados pelo governo e pela sociedade civil e por entidades da sociedade civil organizada, com atuação na promoção e defesa dos direitos da pessoa idosa. Além disso, cada Conselho (por força de lei) tem um caráter de controle social e seu caráter deliberativo no sentido de propor ações nas políticas públicas a serem executadas pelos órgãos públicos e privados atinentes à tais setores sociais, portanto, a coparticipação não é individual, mas coletiva e representativa da sociedade através das entidades não governamentais da sociedade civil e dos organismos estatais mantidos pelos entes federados.

A análise histórica de Jussara Rauth e Lígia Py comprovam que, de fato, a PNI democratizou essa política social. As autoras apresentam uma retrospectiva histórica sobre as articulações de movimentos sociais e científicos, e das lideranças políticas envolvidas no processo de constituição da Política Nacional do Idoso (PNI), no contexto de um panorama internacional que teve importante influência na definição da Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que sancionou a PNI:

Os princípios de independência, participação, assistência e autorrealização, a dignidade e as recomendações definidas nos planos orientaram as legislações e os documentos nacionais, a criação de órgãos, as políticas e as ações relativas ao envelhecimento nos últimos vinte anos [...]. A política do idoso nasce então para ratificar questões fundamentais como os princípios de que o envelhecimento diz respeito a toda a sociedade e não só às pessoas idosas; de que as transformações necessárias na estrutura social exigem que o idoso seja o agente e o destinatário delas; e de que as pessoas idosas têm direito ao desenvolvimento de ações em todas as políticas setoriais. (RAUTH; PY, 2016, p. 54).

Tal contribuição, em termos de objetivos, se traduz no estímulo à participação das pessoas idosas, por meio da ocupação ou da abertura de espaços que lhes possibilitem conviver, organizar-se e fazer-se representar nos processos de tomada de decisões, como é o exemplo dos proporcionados pelos Conselhos do Idoso, reivindicando programas que lhes assegurem proteção social e econômica e dignidade (RAUTH; PY, 2016).

Conforme aponta Debert e Oliveira (2016), os trabalhos que se debruçaram sobre os Conselhos os consideram como “espaços que em princípio possibilitam a participação dos mais velhos na definição das políticas públicas, dando a eles autonomia e autoridade para definir seus problemas e a forma de solucioná-los,

enquanto oferecem, ao mesmo tempo, visibilidade à questão que passa a fazer parte da pauta pública” (DEBERT; OLIVEIRA, 2016, p. 521). O Brasil conta atualmente com mais de 10 mil conselhos (DEBERT; OLIVEIRA, 2016). Independentemente dos segmentos ou áreas, o idoso se faz presentes nos diferentes conselhos, das Mulheres, da Pessoa Idosa, da Cultura, Pessoas Portadoras de Deficiência, etc. Fato que amplia o protagonismo e a compreensão da velhice dentro da perspectiva social, política e cultural.

Os Conselhos são canais de participação e espaços de protagonismo e interlocução para a população idosa. Mas as políticas públicas no campo do envelhecimento também atentam à vulnerabilidade e a precariedade na velhice. O Estatuto, em seu artigo 3º, descreve os atores responsáveis pelos cuidados do idoso: Família, comunidade, sociedade e Poder Público. Em primeiro lugar, portanto, a preocupação com o fortalecimento dos vínculos familiares. No entanto, nem sempre tais vínculos são possíveis. Há violências e descasos com idosos em seus espaços domésticos, sobretudo agressões físicas e ameaças perpetradas por seus familiares (DEBERT, 2001), o que indica a necessidade de desconstrução da imagem da família como instituição natural de aconchego e cuidado.

Por outro lado, continua sendo consensual a opinião dos legisladores e pesquisadores da área que o mais adequado para idosos com a saúde fragilizada é receber o atendimento necessário em suas casas. O atendimento a domicílio, que pode ser mediado pela família, pode ser menos traumático para os idosos e menos custoso para o Estado - posto que reduz o tempo de hospitalização. Diante desse consenso mais ou menos disseminado, Debert (2001) levanta algumas questões que precisam dar prioridade à opinião e à vontade dos próprios idosos. A partir dessa premissa, a autora questiona um consenso da gerontologia, segundo o qual os idosos desejariam receber os cuidados de que necessitam através de seus familiares. Segundo a crítica de Debert, a fragilidade dos vínculos familiares, comunitários e sociais pode dificultar ou impossibilitar a permanência no domicílio. Muitas vezes, conflitos intergeracionais são motivos para a quebra dos vínculos mesmo antes da institucionalização. Conforme a legislação, a natureza do acolhimento para idosos, independentes e/ou com diversos graus de dependência “deverá ser provisória e, excepcionalmente, de longa permanência quando

esgotadas todas as possibilidades” (BRASIL, 2009, p. 31-32). Este atendimento excepcional destina-se aos idosos que não dispõem de condições para permanecer com a família, ou estão convivendo com situações de violência e negligência, situação de rua e de abandono, e seus vínculos familiares estão fragilizados ou rompidos.

As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) são a nova nomenclatura para os "lares" e "asilos" e trazem novas regras para o processo de institucionalização. Segundo Camarano e Barbosa (2016), o envelhecimento populacional apontou para a necessidade de suplantarmos o modelo asilar que possuía caráter caritativo, “requerendo que os asilos deixem de fazer parte apenas da rede de assistência social e integrem a rede de assistência à saúde”. Foi para expressar a nova função híbrida dessas instituições que a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia sugeriu tal denominação, sendo assim adotada pela ANVISA e que as definiu como instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (CAMARANO; BARBOSA, 2016, p. 484).

De um modo geral, quando se fala na institucionalização do idoso, encontram-se, tanto na bibliografia como no imaginário popular, posições bastante contraditórias. Buscar uma instituição de acolhimento (ILPI) gera culpa e sentimentos ambivalentes por conta do preconceito existente. De um lado as imagens negativas, além de posturas e preconceitos, referentes aos idosos e às próprias ILPIs, por vezes consideradas como “reduto de abandonados”, “depósitos de velhos e de inválidos”, por outro lado, para muitos idosos, viver em uma instituição asilar representa uma forma de amparo e cuidado distante do descaso, da solidão e/ou situações de violência. Por outro lado, novos contextos, dentro das normativas legais, com aporte de recursos, as ILPIs podem representar um espaço generoso para celebrar essa etapa da vida, participar do cotidiano e construir novos vínculos, e novas posturas, imagens negativas comumente associadas aos antigos “asilos”.

Dados da pesquisa empreendida pela Fundação Perseu Abramo e pelo Serviço Social do Comércio (SESC) sobre expectativas na terceira idade, realizada

em 2006, mostram que 76% da população respondente não idosa aceitariam morar em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Entre os idosos, a proporção comparável foi de 67%. Conforme Camarano os resultados sugerem que: As novas gerações possuem uma visão mais favorável à residência numa ILPI que as anteriores?

Algumas instituições atuais já são “vistas como residências coletivas que propiciam integração social, criação de laços afetivos e não implicam, necessariamente, rompimento de laços familiares” (CAMARANO; BARBOSA, 2016, p. 486). Nessa mesma direção seguem a conclusão de uma pesquisa realizada por Graeff (2007, p. 163):

O próprio caráter das instituições voltadas para a velhice está sendo redefinido [...], novas premissas e conceitos precisam ganhar espaço para que outras dimensões da experiência de envelhecer no asilo possam ser interpretadas [...] e tempos vividos nos espaços sociais e as memórias narradas são fundamentais para contrapor criticamente a premissa da mortificação do eu [...], reinventar ou ‘fantasiar’ a trajetória social e estabelecer novas relações de sociabilidade configuram situações singulares.

Quer seja do ponto de vista do protagonismo da pessoa idosa ou de sua vulnerabilidade, entendemos, conforme Anita Neri, que as “políticas favoráveis a uma velhice saudável devem priorizar a infância e a juventude, não só porque é preciso prepará-las para a velhice, mas porque, em qualquer sociedade, são os jovens que garantem a boa qualidade de vida dos idosos” (NERI, 2005, p. 20). É nesse sentido que o terceiro módulo do curso tratará do papel das experiências intergeracionais e das brincadeiras.

Referências e sugestões de leitura:

BRASIL. **Decreto Nº 4.682, de 24 de janeiro de 1923.** Crea, em cada uma das empresas de estradas de ferro existentes no país, uma caixa de aposentadoria e pensões para os respectivos empregados.

BRASIL. **Lei no 10.741, de 1 de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia; BARBOSA, Pamela. Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: Do que se está falando? In. **Política nacional do idoso:**

velhas e novas questões. (Org.) Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano e Karla Cristina Giacomini/Rio de Janeiro, 2016. p. 479 – 512.

DEBERT, Guita Grin; OLIVEIRA, Glaucia S. Destro de. Os Dilemas da Democracia nos Conselhos de Idosos. *In*: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMINI, Karla Cristina (Org.). **Política nacional do idoso**: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 515 – 535.

RAUTH, Jussara; PY, Ligia. A História por Trás da Lei: o histórico, as articulações de movimentos sociais e científicos, e as lideranças políticas envolvidas no processo de constituição da Política Nacional do Idoso. *In*. **Política nacional do idoso**: velhas e novas questões. (Org.) Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano e Karla Cristina Giacomini, Rio de Janeiro, IPEA, 2016, p. 515 – 535.

SIMÕES, Júlio Assis. **Entre o lobby e as ruas**: movimento de aposentados e politização da aposentadoria. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2000.

MÓDULO 3: Intergeneracionalidade, Envelhecimento e Brincadeiras

1. Unidade temática:

Experiências Intergeneracionais envolvendo crianças/idosos; espaços com potencial de integração intergeracional através de memórias e experiências lúdicas.

2. Metodologia de trabalho:

Iniciar o encontro com uma mesa com pesquisador do tema, (45min.+ debate) em seguida oficinas com experiências escolares diversas envolvendo crianças e idosos, convidadas a partir de um olhar sobre as suas melhores contribuições e do seu enorme potencial para gerar novas experiências; troca de experiências.

3. Texto-base:

A importância de falar da intergeracionalidade no campo do envelhecimento é capital. Muitas vezes, é a falta de trocas com crianças, jovens e adultos que causa o isolamento da pessoa idosa. Espera-se que este módulo possa contribuir para a realização de uma abordagem sobre envelhecimento baseada em conceitos, percepções e vivências existentes no universo das novas gerações e discutir concepções sobre a velhice, fortalecendo a interação produtiva entre as diversas gerações. É preciso pensar em estratégias inovadoras que contemplem os tempos de isolamento, ou mesmo idosos com dificuldades de locomoção. Além disso, as trocas entre gerações são uma forma de transmitir a cultura e a memória dos idosos para os mais jovens.

A memória é uma mediadora entre gerações. Ao invés de estudar a memória em si, isolando no indivíduo e colocando-a distante do social, os estudos de memória social indicam que toda memória é construída coletivamente. De acordo com o pensamento de Halbwachs (1990), quando o idoso narra suas recordações, ele entra em diálogo com as lembranças de quem testemunha a sua narração. Em outras palavras, ele faz parte de uma “comunidade afetiva”, que traz todo o contexto das situações sociais partilhadas. Sobre Halbwachs, Graeff propõe que a “memória

é social e coletiva, mas é o indivíduo que lembra de um determinado espaço e tempo [...] são as ações realizadas no presente e acontecimentos da vida cotidiana que fornecem os pontos de demarcação para as lembranças” (GRAEFF, 2006, p. 13). E estas por sua vez envolvem, então, os fatos sociais. Como escreve Ecléa Bosi,

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a **nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparecimento** de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 1994, p. 41).

Em momentos de crise, como o da pandemia de COVID ao longo de 2020, pode ocorrer inclusive o distanciamento entre as diferentes categorias etárias, bem como a acentuação do preconceito e da desvalorização social da velhice. De certa forma, a crise acentua a culpabilização dos idosos por estarem ocupando o sistema de saúde no lugar dos jovens produtivos. Assim sendo, a manutenção de um diálogo entre as gerações passa a ser um desafio cotidiano. A promoção da intergeracionalidade é uma resposta a isso: um instrumento de valorização das potencialidades das pessoas idosas que, no caso deste curso, contribui para transmissão da cultura do brincar, permitindo que a nova geração se aproprie de experiências culturais e sociais de seus antepassados. “Torna-se, assim, ininterrupto esse processo de produzir, transmitir, transformar, recriar e conservar a cultura” (PEREIRA, 2015, p. 114).

Uma proposta de atividade intergeracional com idosos em situação de acolhimento institucional pode propiciar a formação de laços sociais, além de possibilitar momentos de aprendizagem mútuos, além de respeitar e referenciar o passado. Nos encontros com os estudantes, os mais velhos podem evocar a memória, como uma fonte rica de conhecimentos acumulados e de grande significado para a sociedade, segundo Bosi (1994), tais atividades transmitem valores culturais e históricos que indicam como o presente foi pavimentado pela história destes e de muitos outros idosos que contribuíram para construção da sociedade.

Além das questões apontadas, Ferrigno (2009), baseado em entrevistas com crianças, jovem e pessoas idosas que estavam envolvidas em atividades intergeracionais de caráter lúdico, tentou demonstrar em sua pesquisa que tais atividades podem se constituir “como um dos caminhos para a superação de conflitos entre gerações, ao promoverem a formação de amizades entre velhos e moços e o desenvolvimento de uma cultura intergeracional” (2009, p. 5). Compreendemos que o processo intergeracional pode romper com o isolamento no qual os idosos tendem a permanecer nos Lares de Acolhimento, uma vez que as lembranças dos brinquedos e das brincadeiras podem contar as histórias de outros tempos, elas são como pontes, portas e janelas, que ligam gerações, mundos, culturas, artes, hábitos e costumes. Permitem sonhar, fantasiar, se emocionar. Ou mesmo, através da literatura infantil como instrumento de desencadeamento dos diálogos e transmissão de saberes entre as gerações.

As atividades intergeracionais podem variar desde a mais simples visita a um Lar de Idosos até o diálogo informal ou mesmo entrevista planejada com os avós. Um exemplo pertinente é o trabalho com a Literatura Infantil. Pensando a partir dos estudos de França (2010), o caráter lúdico das atividades intergeracionais é uma fonte potencial de mediação de valores e trocas culturais, em que ambas as partes aprendam com a troca de vivências e na interlocução de saberes. A Literatura infantil, neste contexto, faz uma ponte de aproximação entre o conteúdo, as brincadeiras e o brincar como um registro da memória cultural. Entre no mundo da fantasia e do imaginário e entra na brincadeira.

Antes de todos os livros, a narração continua presente nas manifestações incansáveis da literatura tradicional: na canção de berço que a mãe murmura para seu filho; nas histórias que mães, avós, criadas, aos pequenos ouvintes transmitem; nas falas dos jogos, parlendas, nas cantigas e adivinhas com que as próprias crianças se entretêm umas com as outras, muito antes da aprendizagem da leitura. (MEIRELLES, 1979, p. 42).

A leitura em grupo de livros é uma interação prazerosa para os integrantes. Destaca-se a seguir, um trecho do livro de literatura infantil "Guilherme Augusto Araújo Fernandes", escrito por Mem Fox, que retrata o convívio intergeracional entre uma criança e uma idosa que perdeu a memória.

Então Guilherme voltou para casa, para procurar memórias para Dona Antônia, já que ela havia perdido a sua... Aí Guilherme Augusto foi visitar Dona Antonia e deu a ela, uma por uma, cada coisa de sua cesta.

[...] “Que criança adorável que me traz essas coisas maravilhosas”, pensou Dona Antônia.

E então ela começou a se lembrar [...] E os dois sorriram e sorriram, pois toda a memória perdida de Dona Antônia tinha sido encontrada, por um menino que nem era tão velho assim. (FOX, 1995, p. 12)

Luciene Pereira em sua pesquisa sobre a infância e as brincadeiras infantis, a partir de relatos de idosos afirma que os relatos

evidenciaram que a infância nem sempre foi marcada pela alegria, mas que a dor, o preconceito e a desilusão caminharam lado a lado com muitos idosos durante sua infância, principalmente junto àqueles que não detinham o poder econômico”. Mais adiante continua “apesar disso, a possibilidade de se ter alguém com quem compartilhar as lembranças da infância pareceu representar um momento especial para os idosos” (PEREIRA, 2015, p. 114).

As brincadeiras infantis, inscritas ou não no folclore, revelam formas de vida e a diversidade cultural de um povo. Elas nem sempre são pensadas como "cultura", mas vivem na memória daqueles que um dia também foram crianças. “As brincadeiras não são algo estático, não se cristalizam, porque elas se desenvolvem também através da oralidade, passando de geração para geração de formas bem variadas” (PEREIRA, 2015, p. 112). Como escreve França,

As práticas intergeracionais vêm demonstrando que é possível efetuar uma mudança na mentalidade da comunidade em relação à imagem do idoso e o resgate da memória de um povo através de seu patrimônio vivo. Esses resultados podem e devem ser multiplicados por outras organizações públicas e privadas. Não menos importante está a intensificação das pesquisas acadêmicas para comprovar os benefícios intergeracionais destes programas. (FRANÇA, 2010, p. 529).

O brinquedo revela uma parte importante da cultura, com seus costumes, hábitos e tradições. Por isso, o brinquedo não pode, segundo Brougère (2008), se confundir com a definição de jogo. Em sua obra “Brinquedo e Cultura”, o autor enfatiza que o brinquedo se vincula à questão social, simbólica, que é a função principal. A brincadeira, para Brougère (2008, p. 13), “pertence à ordem do não funcional”, ou então, o “valor simbólico é a função”. Quando a criança brinca, o imaginário e a ação estão presentes. Tal concepção se torna importante quando

falamos do objeto/brinquedo no trabalho com idosos, que colaborará na evocação de imagens e lembranças. Neste sentido, a função do brinquedo como objeto, e a brincadeira como ação, despertam o mundo imaginário do idoso.

Para Brougère (2008), além de ser instrumento de brincadeira para a criança, o brinquedo também é vetor de tradições entre gerações. Por isso, não se trata apenas de uma evocação, já que aqui, o brinquedo e a brincadeira oferecem a oportunidade para estabelecer um diálogo intergeracional e através deles conhecem os valores morais de uma época, que podem servir, ou não como herança de sua formação. A confecção de brinquedos com materiais recuperados e reaproveitados é prática corrente nas diferentes culturas. No caso, cito o cavalinho de pau, a casinha, a peteca, a boneca de pano, a comidinha etc.

Por outro lado, a grande oferta de novos brinquedos e diversões eletrônicas pode ter uma incidência negativa sobre a cultura do brincar, ao menos no caso das trocas intergeracionais. Uma das razões é o desestímulo à transmissão oral. Há também pouco incentivo para a construção de brinquedos - o que poderia se apoiar na memória dos idosos para o desenvolvimento de uma cultura do brincar, estimulando as crianças de hoje a conhecerem brincadeiras do tempo de seus pais e avós. Portanto, é necessário enfatizar a importância do olhar sobre a fabricação e a utilização de elementos naturais para a confecção de brinquedos.

Neste ponto o texto de Benjamin (2002) pode nos motivar a refletir “trata-se do preconceito segundo o qual as crianças são seres tão diferentes de nós, com uma existência tão incomensurável à nossa”, que carecemos “ser particularmente inventivos se quisermos distraí-las. No entanto nada é mais ocioso que a tentativa febril de produzir objetos – material ilustrativo, brinquedos ou livros – supostamente apropriados às crianças” (p. 237).

Para finalizar, destaca-se o trabalho de Oliveira e Correa (2019), que desenvolveram um projeto de pesquisa reunindo estudantes, crianças e idosos em acolhimento institucional, com o objetivo de compreender aspectos intergeracionais e a sua relação com a educação e concluem que a “pesquisa “revelou-se oportuna para compreender os laços sociais que se formam a partir do encontro entre gerações e permitiu também aprofundar o conhecimento: do asilo, como instituição que propõe-se a amparar e cuidar de idosos” (p. 91). A interação entre as

crianças/jovens e idosos pode fortalecer e incentivar a formação e manutenção dos vínculos. Ajudam a repensar posturas sobre o envelhecimento e o espaço social que a pessoa idosa ocupa atualmente em nossas comunidades.

Referências e sugestões de leitura

SANTOS, Divina de Fátima dos; LIMA, Maria de Lourdes Franchi; SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. Aproximando gerações pela escrita. **Revista Portal de Divulgação**, n.3, Out. 2010. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas Marcus Vinicius Mazzari. SP: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 7º ed. Cortez, São Paulo, 2008.

CARVALHO, Maria Clotilde Barbosa Nunes Maia de. **O diálogo intergeracional entre idosos e crianças do Projeto Era uma vez... Atividades Intergeracionais**. 2007. Dissertação de Mestrado em Serviço Social Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro. <https://www.maxwell.vrac.puc.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11345@1>. Acesso em: 18 jan. 2020.

FERRIGNO, Jose Carlos. **O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, 2009.

FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Ilustrado por Julie Vivas. **O que é Memória?** Tradução de Gildade Aquino. 8. ed. São Paulo: Brinque-book, 1995.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da; BARRETO, Márcia Simão Linhares. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 519-531, Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232010000300017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 2. ed. São Paulo/SP: Cortez, 1997.

_____. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo/SP: Pioneira, 1998.

OLIVEIRA, F. R. de; CORREA, M. R. O Asilo, a Escola e a Universidade: A Coeducação e o Processo de Intergeneracionalidade. In: **A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas**, v. 2. Solange Aparecida de Souza Monteiro (org.). Atena Editora. Ponta Grossa (PR): 2019.

PAIVA, Leonardo de; SOUZA, Wendel de Oliveira. Conhecer para Preservar: Brinquedos e Brincadeiras Populares. **XXVII Encontro da ANPUH**, julho de 2013. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875808_5702e7511eb4db555d60741d533c4c1e.pdf Acesso jan. 2020.

SILVA, Ana Maria Souto Luz da e CARVALHO, Maria Jaqueline Paes de. **Recordações Maravilhosas da Infância: A Memória como Fonte de Resgate das Brincadeiras Tradicionais na Educação Infantil**. - UFRPE/UAG.

MÓDULO 4: Oficina de Saberes e Práticas Lúdicas

1. Objetivo:

Conhecer e compartilhar práticas lúdicas realizadas nos grupos de idosos/as dos municípios de Canoas e São Leopoldo, e incentivar gestores, profissionais, voluntários a relatarem e/ou apresentarem suas práticas no Curso de Extensão. Fomentar estratégias e ações que contribuam para qualificar as atividades inserindo atividades lúdicas dentro da concepção de um trabalho que valoriza o conhecimento da pessoa, criando espaços de escuta, troca e diálogo, potencializando o protagonismo.

2. Metodologia de trabalho:

Apresentação da dinâmica do curso - presencial e parte prática: Cada participante irá elaborar um projeto que poderá ser executado (ou não) e com a possibilidade de ser apresentado/relatado no quarto encontro presencial - Oficinas "Brincando na velhice": memórias dos idosos sobre brinquedos e brincadeiras. Organizado conjuntamente com os participantes do curso. Encontro aberto para população em geral.

3. Atividades:

A importância deste módulo está na construção conjunta, com os participantes, das atividades, projetos e brinquedos, etc. Nesse sentido, as ideias aqui apresentadas devem ser entendidas como ponto de partida para que cada participante se sinta motivado a elaborar outras que devem ser pensadas para cada situação específica, levando em conta a idade, número, condições dos envolvidos, conhecer a capacidade dos idosos e crianças. O brincar é universal e possui caráter específico, de modo que o ritmo da brincadeira, sua dinâmica e suas regras ajustam-se às condições onde ocorre. As brincadeiras possuem características que facilitam as interações sociais, favorecendo a construção de emponderamento. Buscar contatos na comunidade com experiências realizadas, buscando estimular e provocar interações com os idosos. No entanto, toda atividade realizada precisa envolver um diagnóstico inicial sobre os interesses do grupo. Além disso, é preciso ponderar os recursos disponíveis e os objetivos a serem atingidos. É interessante

buscar parcerias e realizar o planejamento de forma participativa. Uma provável parceria e que compartilha dos mesmos objetivos, é o Conselho Municipal do Idoso.

Para introduzir a temática sugere-se a utilização das cantigas e a literatura infantil. O artigo de Lenisa Brandão et al., (2006) revisa a literatura sobre a produção narrativa de crianças e idosos, para concluir que a “interação narrativa entre crianças e idosos” existe em “um contexto de desenvolvimento que aproveita mais amplamente as características afetivas e cognitivas destes, potencializando o atendimento de necessidades de ambas as faixas de idade”. Especificamente ela se refere ao estilo narrativo:

O estilo narrativo mais subjetivo e interpretativo do idoso poderia exercer provavelmente um papel benéfico no desenvolvimento narrativo da criança. É possível que a criança encontre no idoso um interlocutor mais paciente, que estimule o potencial narrativo da criança. A criança, por sua vez, pode contribuir com seu discurso rico em fantasia e ludicidade ao processo de significação das experiências de vida do idoso. (BRANDÃO et al., 2006, p. 104)

Ao estabelecerem essa relação narrativa, de um lado, as crianças contribuem com a promoção de “uma maior diversidade de experiências sociais ao idoso, bem como novas redes de apoio social” o que, sem dúvida beneficia o surgimento de mais sabedoria e maior capacidade discursiva dos idosos, fator que beneficia, por óbvio, os idosos e também as crianças. Ao concluir a síntese da sua pesquisa, a autora destaca que:

Narrar é uma atividade cognitiva e comunicativa prioritária na velhice, frequentemente espontânea, mas que pode ser intencionalmente refletida e elaborada, através de aprendizagem, com resultados bastante rápidos e satisfatórios. É ingênuo supor que o simples contato assistencialista e altruísta entre crianças e idosos, em visitas, ou até mesmo brincando juntos, vai modificar de forma consistente a visão infantil sobre o envelhecimento, ou a solidão e abandono de pessoas idosas em instituições. Tais programas não devem tampouco se restringir a desenvolver habilidades de entretenimento, mas legitimar uma prática narrativa que possa ser aproveitada nas escolas como parte integrante do currículo. Desta maneira, poderia ser resgatada a possibilidade do exercício do verdadeiro papel do idoso na sociedade: o de alguém que reflete o significado da sua própria existência, do seu próprio drama, situado num contexto histórico-cultural, e buscando uma continuidade que vá além da sua existência, prolongando-se às novas gerações. Este tipo de experiência educacional seria, por sua vez, fonte importante de pesquisas, gerando conhecimento sobre a interação

idoso-criança e o aperfeiçoamento de programas. (BRANDAO et al., 2006, p. 104).

4. Eixos temáticos e atividades

Os eixos temáticos se referem aos temas apresentados nos três primeiros módulos, ou seja:

- Memória social, lúdico e envelhecimento;
- Direito do idoso ao lúdico;
- Intergeracionalidade, envelhecimento e brincadeiras.

Como já dito acima, as brincadeiras possuem características que facilitam as interações sociais, favorecendo o diálogo entre as gerações. Portanto, o curso pretende priorizar relatos e apresentações de experiências que tenham como foco a ludicidade na velhice e se propõe a identificar espaços lúdicos nas políticas públicas, nas escolas, nas Instituições de Longa Permanência para Idosos, nas famílias, etc.

Eixo temático 1: MEMÓRIA SOCIAL, LÚDICO E ENVELHECIMENTO

Objetivo: Identificar espaços e experiências que favoreçam o desenvolvimento da interação e valorização da população idosa.

Conteúdo: Onde estão nossos avós? O que fazem o tempo todo? Grupos de idosos, Lares de Acolhimento, etc.

ATIVIDADE I

Com a ideia de evocar lembranças de laços afetivos lúdicos da infância podemos conhecer espaços lúdicos próximos. (Brinquedoteca Unilasalle). Colocar a disposição brinquedos antigos. Os participantes serão convidados a trazer os seus (antigos ou confeccionados). E a partir de pequenos grupos: Serão convidados a falar sobre sua própria experiência ou brinquedo (ou escolhendo algum daqueles disponíveis).

Teremos a disposição: Pião, petecas de várias formas, bilboquê, argolinha, bolha de sabão (da forma antiga), cinco marias, corrida de tamancos (par de

tamancos de madeira amarrado com corda de aproximadamente 10 cm), corrida do ovo (de preferência cozido) na colher, A pipa ou papagaio.



Realizadas algumas brincadeiras, fazer uma rodada de conversa em pequenos grupos. Momento para ouvir o idoso, falar das suas experiências (lúdicas), sonhos, sua visão sobre a contemporaneidade, etc. A importância de dar voz e escutar a memória coletiva e a história de vida de pessoas idosas. Evocação de imagens lembranças de laços afetivos em sua infância, tendo como referência a transmissão da cultura e o idoso como transmissor do saber.

ATIVIDADE II

Introduzir a temática evocando a memória através da utilização de livros de literatura infantil. Neste caso fazer a leitura em grupo do livro "Guilherme Augusto Araújo Fernandes", escrito por Mem Fox, que retrata o convívio intergeracional entre uma criança e uma idosa que perdeu a memória.

Então Guilherme voltou para casa, para procurar memórias para Dona Antônia, já que ela havia perdido a sua... Aí Guilherme Augusto foi visitar Dona Antonia e deu a ela, uma por uma, cada coisa de sua cesta.

[...] "Que criança adorável que me traz essas coisas maravilhosas", pensou Dona Antônia.

E então ela começou a se lembrar [...] E os dois sorriram e sorriram, pois toda a memória perdida de Dona Antônia tinha sido encontrada, por um menino que nem era tão velho assim. (FOX, 1995, p. 12)



Fonte: FOX, 1995.

ATIVIDADE III

Conhecer espaços lúdicos em espaços próximos ou virtuais. Visitando virtualmente Museus dos Brinquedos:



Fonte: Museu histórico em São Leopoldo. <http://www.museuhistoricosl.com.br/>

Outras sugestões de visitas:

- MUSEU DOS BRINQUEDOS: <http://musedosbrinquedos.com.br/galeria-de-fotos>
- MUSEU DOS BRINQUEDOS: <http://www.musedosbrinquedos.org.br/>

- MUSEU DO BRINQUEDO DA ILHA DE SANTA CATARINA: <http://museodobrinquedodailhadesc.bu.ufsc.br/museu/museus-do-brinquedo-no-mundo/>
- TERRITORIO DO BINCAR: <https://territoriodobrincar.com.br/videos/memorias-2/>
- CIRANDA DE MEMÓRIAS: <http://cirandadefilmes.com.br/br/pag/ciranda-de-memorias>

Eixo Temático 2: DIREITO DA PESSOA IDOSA AO LÚDICO

Objetivo: Desenvolver o respeito pelos direitos da pessoa idosa entendendo-a como cidadão idoso produtor de conhecimento e cultura.

Conteúdo: ESTATUTO DA PESSOA IDOSA

ATIVIDADE I

Como já dito acima, a literatura infantil, neste contexto, faz uma ponte de aproximação entre o conteúdo e as brincadeiras e o brincar como um registro da memória cultural. Introduzir a temática evocando a memória através da utilização de livros de literatura infantil. Neste caso fazer a leitura em grupo do texto “Gente de muitos anos” de Malô Carvalho e Suzete Armani (2009) traz alguns aspectos do Estatuto da Pessoa Idosa e possibilita abordar temáticas sobre os direitos dos idosos. Portanto, o conteúdo do livro se adapta muito bem para abordar o tema com as crianças.



Fonte: CARVALHO; ARMANI, 2009.

Proposta para realizar com as crianças ou jovens. Dinâmica em duplas, de olhos vendados e deverá ser guiado por outro participante pela sala, trocando de lugar em um segundo momento. Explicar que nem todos os idosos têm dificuldade, mas vão adquirindo limitações físicas ou psicológicas com o avanço da idade.

Eixo temático 3: INTERGERACIONALIDADE, ENVELHECIMENTO E BRINCADEIRAS.

Objetivo: Despertar o interesse pela atividade intergeracional contribuindo para manter viva a cultura do brincar. Provocar situações de análise e reflexão sobre valores e atitudes fundamentais em relação à pessoa idosa.

ATIVIDADE I

Iniciar a atividade com o vídeo temático (em torno de 4min). Há três sugestões abaixo. Em seguida a realização de brincadeiras a partir de relatos sobre a experiência intergeracionais dos participantes. Sendo prudente na preparação de algumas sugestões, caso necessário.

1. Projeto promove interação entre crianças e idosos - Jornal da Vida 28/06/2017, em: https://www.youtube.com/watch?v=h25_U2NN9KY&t=94s
Acesso em: 7 set. 2020.
2. Projeto promove contato entre crianças e idosos em asilo – TV UNESP 10 de jun. de 2015, em: <https://www.youtube.com/watch?v=v8Y9rgEtW0>
Acesso em: 7 set. 2020.
3. The Growing Season - A Estação De Crescimento. É um vídeo em inglês, no entanto, as imagens falam por si só. Conforme consta na apresentação do vídeo, Providence Mount St. Vincent, em Seattle, é uma casa de repouso que também abriga o Centro de Aprendizagem Intergeracional, um programa pré-escolar. Ao longo de um ano escolar, os residentes idosos interagem regularmente com crianças pequenas em várias atividades. À medida que os relacionamentos se desenvolvem entre aqueles que estão no fim de suas vidas e os outros no início de suas

vidas, ambos se enriquecem. Diretor Evan Briggs; produtores Stephanie Wang-Breal, Carrie Weprin; editor Erik Dugger; texto Charlene Boyd, Marie Hoover. Em: <https://www.docnyc.net/film/the-growing-season/>. Acesso em: 7 set. 2020.

ATIVIDADE II

Preparar um álbum com fotografias de brinquedos antigos, crianças e idosos brincando, ou deixar fotografias a disposição para serem manuseadas (solicitar que os participantes tragam). A partir disso, então, observar reações, sentimentos, falas, etc. Iniciar diálogo e interações.

Ainda, a partir disso e dependendo dos participantes, produzir um material informativo e reflexivo, no formato de fanzine, sobre a relação da dimensão lúdica e a velhice. Uma atividade interessante, já observada, as crianças fazem o desenho dos brinquedos e brincadeiras a partir do relato dos idosos, uma atividade em pares (Uma criança e um idoso).

ATIVIDADE III

A ideia de criar, no final, um portfólio, reunindo os trabalhos pesquisados e aqueles elaborados pelos participantes. Na tentativa de sistematizar um conjunto de atividades lúdicas lembradas no curso, citadas na literatura, indicadas por profissionais da área do envelhecimento ou observadas em grupos de convivência de idosos.

ATIVIDADE IV

Apresentar livros de histórias infantis para mobilizar a discussão, que podem ser introduzidas com narração e/ou dramatização de histórias. As cantigas assim como a literatura infantil remetem de certa forma ao lúdico e evocam lembranças. Ao mesmo tempo, as cantigas, as histórias e brincadeiras tradicionais agradam as crianças, dando um significado importante para o idoso que, conforme Bosi “Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos” (2004, p.80). Por isso, tais atividades demonstram que o idoso pode ser um interlocutor privilegiado ao

ensinar e narrar suas vivências. Atividades entre crianças e pessoas idosas vêm sendo promovidas e pesquisadas para verificar e modificar a percepção de um grupo sobre o outro, mas também para conhecer a cultura de uma época. A aproximação pode ocorrer através de atividades lúdicas como oficinas de construção de brinquedos, contação de histórias, etc. Seguem algumas indicações de leitura:

- BISA BIA, BISA BEL, de Ana Maria Machado é um texto que traz a história que relata fantasia de o convívio de uma menina com a sua bisavó e desta forma “aprende a conviver consigo mesma, a se relacionar com outras pessoas e descobre um mundo onde a fantasia e a realidade se mistura, trazendo encantos, desencontros, travessuras, medo e muito amor” (MACHADO, 1990).
- Outro texto sugerido é o livro infanto-juvenil “Os Saltimbancos” é uma adaptação de uma tradicional fábula alemã “Die Bremer Stadtmusikanten” dos Irmãos Grimm (1819). No texto em português de 2019, o músico e escritor Chico Buarque e letras de Sergio Bardotti e músicas de Luis Enriquez Bacalov trazem uma nova edição que acompanha ilustrações de Ziraldo. A obra trata de uma aventura de quatro bichos que, sentindo-se ameaçados e explorados por seus donos, por estarem velhos demais para servir, resolvem fugir para a cidade em busca do sonho de formar um conjunto musical.
- Sônia Junqueira apresenta um texto, com ilustrações de Mariângela Haddad, que, a partir de seu baú de guardados (brinquedos) cria um vínculo com a menina que passa na calçada, trocam olhares, sorrisos, conversam. A menina mostra à velhinha sua caixa de brinquedos, contando (por meio de imagens em balões) a origem de cada um. Depois é a vez da velhinha, abrir seu baú de guardados: o bilboquê da infância, o maço de cartas de amor, a caixinha de música de uma viagem ao Rio de Janeiro, o vestido do baile... Ela agora tem uma amiga.

Outras leituras sugeridas:

BUARQUE, C., BARDOTTI S., BACALOV, L. E. e Ziraldo. Livro: Os Saltimbancos. | Editora Autêntica. SP. 2019.

CARVALHO, M. Gente de muitos anos. Ilustrações de Suzete Armani. Editora Autêntica. SP. 2009.

FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Ilustrado por Julie Vivas. O que é Memória? Tradução de Gildade Aquino. 8. ed. São Paulo: Brinque-book, 1995.

JUNQUEIRA, S. HADDAD, M. (ilustração) A velhinha na janela. Editora Autêntica. 2008.

MACHADO, Ana Maria. BISA BIA, BISA BEL. Editora: Salamandra, 1990.

MACHADO, Ana Maria; ZILBERMANN, Ionit (Ilustrações). A Velha Misteriosa. Editora: Salamandra, 2011.

RAMOS, A. C.; RAMPAZO A. (Ilustrador). Era uma vez três velhinhas. Ed. Globo Livros. RJ, 2012.

RAMOS, Anna Claudia. O BISAVÔ DO AVÔ Ilustração: Adriana Vegas e Roger Marmo. Editora Mundo Mirim.

AVALIAÇÃO

A avaliação das atividades desenvolvidas será realizada ao final de cada etapa, através da análise das dificuldades, erros e acertos, buscando sugestão de melhorias. Deverá ser elaborado um questionário para todos os participantes, e servirá de indicador de monitoramento e aproveitamento em relação aos objetivos propostos. Além disso, a avaliação se dará durante todas as etapas, desde o planejamento e com todos os envolvidos para garantir as condições de efetividade e, uma eventual multiplicação da proposta.

A identificação das metas: Elencar as metas relacionando-as com os objetivos propostos. A explicitação de indicadores, que serão os medidores da efetividade do trabalho para que se possam avaliar os resultados.

INDICADORES E MÉTRICAS (Conforme Formulário da Unilasalle)

Ações realizadas durante a execução do Projeto, considerando as metas a serem atingidas.

	Descrição	Meta a ser atingida	Percentual realizado
Ação a ser realizada			
Ação a ser realizada			
Ação a ser realizada			
Ação a ser realizada			
Ação a ser realizada			
Ação a ser realizada			



5 PLANO DE NEGÓCIOS

SUMÁRIO EXECUTIVO

1 RESUMO

2 ANÁLISES DE MERCADO

2.1 Estudos dos Clientes

2.2 Estudos dos Concorrentes

2.3 Estudos dos Fornecedores

2.3.1 Quem seriam os fornecedores?

3 PLANO DE MARKETING

3.1 Etapas de Planejamento: Análise de Ambiente Externo e Interno

3.2 Definição do Público Alvo

3.3 Definição do Posicionamento de Mercado: Como o cliente vê o seu negócio

3.4 Definição da Marca

3.5 Definição de Objetivos e Metas

3.6 Definição das Estratégias de Marketing

3.7 Etapas de Implementação do Plano de Marketing

4 FINANCEIRO - CUSTOS

REFERÊNCIAS

ANEXO - Programa do Curso

1 RESUMO

O Curso de Extensão “MEMÓRIA SOCIAL E BRINCADEIRAS NA ATENÇÃO À PESSOA IDOSA” tem como objetivo conhecer e compartilhar experiências lúdicas realizadas nos grupos de idosos/as dos municípios de Canoas e São Leopoldo. Incentivando gestores, profissionais, voluntários a inscreverem suas experiências e fomentar estratégias e ações que contribuam para qualificar as atividades, inserindo práticas lúdicas dentro da concepção que valoriza o conhecimento da pessoa idosa, oferecendo espaços e momentos para ouvir o idoso e falar das suas experiências. O cidadão idoso como produtor da cultura. Priorizando relatos e apresentações de

experiências que tenha como foco a ludicidade. Identificar fontes dos espaços lúdicos nas políticas públicas, nas Instituições de Longa Permanência para Idosos, nas famílias, etc.

2 ANÁLISES DE MERCADO

2.1 Estudos Dos Clientes

Para traçar o perfil desses “clientes” foi realizada busca nos sites oficiais das principais instituições que mantêm trabalho com idosos, tendo em vista a sua localização e área de atuação. São as universidades Ulbra, no bairro São Luís; Uniritter, no bairro Niterói em Canoas e a Unisinos de São Leopoldo. Além disso, pesquisa realizada através do site oficial dos Governos Municipais de Canoas e São Leopoldo. Para fins deste plano foi feito o levantamento dos grupos de idosos de Canoas e São Leopoldo: São Leopoldo (prefeitura): 8 grupos; Pró Maior - Unisinos: 21 grupos (2018); Canoas: 26 grupos, com número total de 1490 idosos por mês. SESC/Canoas, SESC São Leopoldo e Ulbra não mencionam o número de grupos.

2.2 Estudos Dos Concorrentes

Tratando-se de causas sociais e, especialmente, de estudo e pesquisa podemos falar de parceiros, colaboradores, colegas pesquisadores e docentes.

É necessário fazer um estudo interno, um “plano de negócio” da empresa, no caso da Instituição Unilasalle do seu interesse e potencial no produto em questão. Da mesma forma, é necessário demonstrar que o produto pode “ocupar no mercado” um espaço, agindo assim de forma estratégica e planejada. Ele é de fundamental importância à medida que permite a visualização da visão e posição da empresa em relação a seus objetivos estratégicos, e também serve para prestar informações a outros colaboradores. Confirmando assim, a afirmação de Dornelas, “O plano de negócios é um documento usado para descrever um empreendimento e o modelo de negócios que sustenta a empresa. Sua elaboração envolve um processo de aprendizagem e autoconhecimento, e ainda, permite ao empreendedor situar-se no seu ambiente de negócios” (DORNELAS, 2005, p. 84).

2.3 Estudos dos Fornecedores

2.3.1 Quem seriam os fornecedores?

No caso específico pretende-se garantir a participação dos envolvidos através da articulação de um grupo organizador com representante dos segmentos/parceiros que serão convidados para tal finalidade (Prefeituras, Sesc, Lasalle, Unisinos, Ulbra, etc.)

Portanto, considero aqui fornecedores e parceiros:

SESC Canoas.

Prefeitura Municipal de Canoas - Centro de Convivência do Idoso.

Prefeitura Municipal de São Leopoldo.

Unisinos, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos, Pró-Maior de São Leopoldo.

Ulbra (Ulbrati) e Núcleo de Estudos e Atenção Geronto Geriátrica (NEAGG).

Conselhos Municipais da Pessoa Idosa de Canoas e São Leopoldo.

Listando (ou mapeando) algumas experiências intergeracionais nas escolas:

1. Escola São João, Rede La Salle. Porto Alegre. “4º ano: memória compartilhada entre as gerações”. Do livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” A relação de amizade entre um menino e uma idosa que perdeu a memória. <http://lasalle.edu.br/saojoao/sobre-o-colegio/noticia-detalle/16979>.
2. Apresentar a cidade para as novas gerações sob o olhar de quem ajudou a construir a história local. Atividade “Um olhar fotográfico da nossa cidade”, que é desenvolvida pelo grupo Maturidade Ativa do Sesc Lajeado. <https://www.sesc-rs.com.br/noticias/criancas-sao-convidadas-ver-cidade-pela-perspectiva-dos-idosos-em-lajeado/>.
3. São Leopoldo instituiu a Lei Semana do Brincar através de Lei. Artigos III menciona o resgate de brincadeiras tradicionais como forma de preservação e recriação do patrimônio lúdico da sociedade; e IV - o encontro intercultural e intergeracional em torno das brincadeiras.

3 PLANO DE MARKETING

3.1 Etapas de Planejamento: Análise de Ambiente Externo e Interno

- FATORES ECONÔMICOS

Os aspectos econômicos que podem impactar negativa ou positivamente sobre a realização do curso devem ser analisados na medida em que permitem a viabilidade e sustentabilidade do projeto. Conforme consta, na Unilasalle existe a possibilidade de propor projeto para a realização de novos cursos. Estes “deverão ser constituídos através da relação entre a universidade e a comunidade, objetivando atender as necessidades da sociedade com ações de conscientização, capacitação, difusão da informação, tecnologia e consultorias”.⁴ Ao analisar o ambiente devemos estar atentos aos inúmeros fatores que exercem influência direta ou indiretamente sobre o sucesso de um curso de extensão.

- FATORES SOCIOCULTURAIS

Constata-se a dificuldade da manutenção dos vínculos familiares das pessoas idosas e a presença de uma cultura de “asilamento” que é transmitida para as novas gerações, de forma que as pessoas idosas são abandonadas pela família em instituições que passam a ser responsáveis pelo fortalecimento dos vínculos familiares. Conforme Tipificação, o atendimento em unidade institucional que acolhe idosos com diferentes necessidades e graus de dependência “deve assegurar a convivência com familiares, amigos e pessoas de referência de forma contínua, bem como o acesso às atividades culturais, educativas, lúdicas e de lazer na comunidade” (BRASIL, 2009, p 33). Esse paradoxo, então, contribui para a violação legal do direito fundamental da convivência familiar e promove a desresponsabilização da família pelo seu familiar idoso. Tal cultura é entendida, então, como resultado de uma sociedade aviltante, alicerçada pela acumulação

⁴ <https://www.unilasalle.edu.br/canoas/mais/projetos-extensao>.

capitalista que se apropria da vida privada do trabalhador que, através da venda de sua mão de obra, proporciona a mais-valia aos detentores dos meios de produção.

- **FATORES POLÍTICOS/LEGAIS:**

O crescimento do segmento populacional dos idosos cria uma demanda por serviços de toda ordem, representando enormes gastos para o poder público e para as famílias, sendo essencial, encontrar alternativas para a tendência de institucionalização de longo prazo dos idosos. Foram criadas leis para promover serviços de qualidade para a população idosa.

- **FATORES TECNOLÓGICOS:**

População idosa sente uma enorme necessidade para acessar as mídias e o curso oferecido meses de abril e setembro/2019 (em parceria com a Fundação La Salle e Prefeitura Municipal) indicam o atendimento deste quesito. Com aulas teóricas e práticas, abordando conteúdos de informática, planejamento de carreira, funções administrativas, etiqueta profissional, uso do celular no ambiente de trabalho, comunicação, organização de documentos, técnicas de atendimento, segurança do trabalho, autoestima na maturidade, direitos da pessoa idosa, noções de administração de finanças pessoais.

- **CONCORRÊNCIA**

Considerando o ambiente externo, as principais instituições concorrentes da Instituição Unilasalle, tendo em vista a sua localização e área de atuação, são as universidades Ulbra, no bairro São Luís, e Uniritter, no bairro Niterói em Canoas. Pesquisa realizada através do site oficial das Instituições e do site do Governo Municipal de Canoas. E ainda decidimos incluir a Instituição Unisinos.

A Instituição Unisinos mantém O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos, conhecido como Pró-Maior, atende idosos do município de São Leopoldo. Conforme o site institucional, são 17 atividades de ação continuada, organizadas em 21 grupos (2018), dirigido a um público de 60 anos ou mais, de forma gratuita, com um encontro semanal. Tem como objetivos: Contribuir para que a pessoa idosa possa enfrentar as transformações integrais do processo de envelhecimento, com autonomia e protagonismo; Identificar necessidades e

motivações, desenvolvendo potencialidades e capacidades para novos projetos de vida; Proporcionar espaço de conhecimento e reflexão do envelhecimento humano, enfatizando a consciência ecológica, as relações etnicorraciais e benefícios sociais; E, favorecer o vínculo grupal, estimulando a liderança no Pró Maior, na família e na sociedade⁵.

A Ulbra mantém desde 1993 o projeto Ulbra na Terceira Idade (Ulbrati) que oferece diversas atividades aos participantes como ginástica, pilates, musculação, alongamento, coral, teatro, dança e hidroterapia. O valor para participar do projeto é de R\$ 180,00 por semestre. A Instituição possui ainda um Núcleo de Estudos e Atenção Geronto Geriátrica (NEAGG), “é um projeto extensionista que tem como objetivo comunitário promover a cultura do envelhecimento ativo e saudável por meio de práticas e estudos no campo da gerontologia, junto à população idosa no município de Canoas”⁶.

Tem como público nas ações de promoção e prevenção à saúde: pessoas idosas institucionalizadas, pessoas idosas da comunidade de Canoas e estudantes.

Outra instituição analisada é a Uniritter, que não oferecem curso nas áreas de conhecimento em questão e a temática não aparece no site, ficando evidente que a temática não se incluem como metas dessa instituição.

A Instituição Unilasalle mantém a Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI-UNILASALLE) com o objetivo de um contexto de extensão com caráter integrador, assistencial, de ensino e pesquisa, oferece oficinas com uma proposta de educação inclusiva, adaptada, com ênfase no autocuidado, na autonomia, na promoção da saúde e na cidadania. Exemplos: Estimulando o Pensamento e o Raciocínio Lógico, Inglês, Espanhol, Alongamento, Ritmos, Jogos Adaptados, Dança, Adaptação Aquática e Treinamento Funcional. São quatro oficinas pagando o valor da mensalidade de R\$60.

A Universidade La Salle se destaca no site governamental do Município de Canoas por parcerias na temática do idoso. O novo Centro de Convivência do Idoso

⁵ <http://www.unisinos.br/extensao/acao-social/programas/programa-pro-maior>. Acesso em: out. 2019.

⁶ <https://www.ulbra.br/canoas/imprensa/noticia/25230/ulbra-na-terceira-idade-inicia-as-atividades-de-2018>. Acesso em: out. 2019.

(CCI) inaugurado em 2018 em Canoas. O local foi cedido pela Fundação La Salle em uma parceria com a Prefeitura de Canoas, que, em contrapartida, auxiliará a Fundação no desenvolvimento de atividades voltadas a esse público, como chás, atividades lúdicas, palestras, festas, oficinas de dança, jogos adaptados para a terceira idade, artes, cultura e lazer. O local das atividades é no Centro de Assistência Social LaSalle, que fica na Rua Lajeado, no bairro Niterói. Atualmente 26 grupos, com número total de 1490 idosos por mês⁷.

O Programa Gerações da Prefeitura de Canoas com o objetivo de promover capacitação profissional, inclusão social e geração de renda para a maturidade, conta com conteúdos na área da informática, uso de tecnologias, técnicas de recepção ao público, comunicação (oralidade e escrita) e valorização e dos direitos dos idosos. As aulas teóricas são ministradas através de contrato com a Fundação La Salle e Universidade La Salle⁸.

No site institucional da universidade Unilasalle é claramente percebida a dimensão da transmissão de valores éticos e estratégias inovadoras de relacionamento com o público interno e externo, como também se percebe uma grande predisposição na busca de aprimoramento destes quesitos e por resultados.

Dentre estas universidades analisadas, constata-se que a Universidade Unilasalle tenha um grande potencial para o desenvolvimento de um Curso de Extensão, podendo alcançar maior qualidade perante as concorrentes, como também oferecer conteúdos inovadores quanto à temática. Diante disso, podem-se constatar diversos fatores positivos. No entanto, há menos profissionais/docentes e discentes envolvido com a temática. Especialmente em relação com a ULBRA que mantém um Grupo de Pesquisa, resultando em publicações na área. Em relação à Uniritter, as áreas de conhecimento não favorecem a temática ou não as incluem como metas da instituição e a Ulbra possui estudos na temática, no entanto, a oferta de curso de extensão não é mencionada.

⁷https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/jornal_cidades/2019/08/696358-reforma-em-centro-para-idosos-deve-ser-entregue-neste-mes.html. Acesso em: out. 2019.

⁸<https://fundacaolasalle.org.br/noticia/fundacao-la-salle-realiza-formacao-para-idosos-de-canoas/>. Acesso em: out. 2019.

Instituição	Projetos de Extensão	Público atendido	Localização
Unisinos	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos, conhecido como Pró-Maior	17 atividades de ação continuada, organizadas em 21 grupos (2018)	Distante do metrô
Ulbra	- Dança - ULBRATI/ Ulbra e a Terceira Idade Núcleo de Estudos e Atenção Geronto/Geriátrica.	220 idosos em 2018	Distantes do Metrô.
Uniritter	Não menciona	Não se aplica	Distante do público alvo

FATORES INTERNOS:

Fatores externos	
<p>Oportunidades Aumento da população idosa.</p> <p>Necessidade de atividades de fortalecimentos dos vínculos familiares em situação de abandono e descaso e violência.</p> <p>Cumprimento do Estatuto da Pessoa Idosa.</p>	<p>Ameaças Ações fragmentadas e descontinuidade das ações oferecidas.</p>
Fatores internos	
<p>Forças Dimensão da transmissão de valores éticos e estratégias inovadoras de relacionamento com o público interno e externo.</p> <p>Parcerias com o Governo Municipal.</p>	<p>Fraquezas Poucos profissionais/docentes e discentes da Instituição envolvidos com a temática.</p> <p>Dificuldades para acessar o site, várias tentativas resultam “em erro”, informações dispersas ou um direcionamento para informações repetitivas.</p> <p>Dificuldades de acessar o público alvo.</p>

3.2 Definição do Público Alvo

GEOGRÁFICOS (países, regiões, cidades, bairros)	Para fins deste plano foi feito o levantamento dos grupos de idosos de Canoas e São Leopoldo: São Leopoldo (prefeitura): 8 grupos; Pró Maior Unisinos: 21 grupos (2018),
---	--

	<p>Canoas: 26 grupos, com número total de 1490 idosos por mês. SESC/Canoas, SESC/SL e Ulbra não mencionam o número de grupos.</p>																																																												
<p>DEMOGRÁFICOS (sexo, idade, renda, educação)</p>	<p>Segundo IBGE em 2010: População idosa de Canoas</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Idade</th> <th>Homens</th> <th>Mulheres</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>60 a 64</td> <td>5803</td> <td>7089</td> </tr> <tr> <td>65 a 69</td> <td>3756</td> <td>4972</td> </tr> <tr> <td>70 a 74</td> <td>2563</td> <td>3835</td> </tr> <tr> <td>75 a 79</td> <td>1610</td> <td>2857</td> </tr> <tr> <td>80 a 84</td> <td>908</td> <td>2018</td> </tr> <tr> <td>85 a 89</td> <td>349</td> <td>851</td> </tr> <tr> <td>90 a 94</td> <td>101</td> <td>292</td> </tr> <tr> <td>Totais</td> <td>15090</td> <td>21914</td> </tr> <tr> <td>Total Geral</td> <td colspan="2">37004</td> </tr> </tbody> </table> <p>De São Leopoldo</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Idade</th> <th>Homens</th> <th>Mulheres</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>60 a 64</td> <td>3503</td> <td>4276</td> </tr> <tr> <td>65 a 69</td> <td>2273</td> <td>3014</td> </tr> <tr> <td>70 a 74</td> <td>1501</td> <td>2242</td> </tr> <tr> <td>75 a 79</td> <td>932</td> <td>1609</td> </tr> <tr> <td>80 a 84</td> <td>532</td> <td>1131</td> </tr> <tr> <td>85 a 89</td> <td>231</td> <td>516</td> </tr> <tr> <td>90 a 94</td> <td>84</td> <td>198</td> </tr> <tr> <td>Totais</td> <td>9056</td> <td>12986</td> </tr> <tr> <td>Total Geral</td> <td colspan="2">22042</td> </tr> </tbody> </table> <p>Conforme dados do IBGE, 71% dos idosos têm independência financeira (49% originária de aposentadoria);</p>	Idade	Homens	Mulheres	60 a 64	5803	7089	65 a 69	3756	4972	70 a 74	2563	3835	75 a 79	1610	2857	80 a 84	908	2018	85 a 89	349	851	90 a 94	101	292	Totais	15090	21914	Total Geral	37004		Idade	Homens	Mulheres	60 a 64	3503	4276	65 a 69	2273	3014	70 a 74	1501	2242	75 a 79	932	1609	80 a 84	532	1131	85 a 89	231	516	90 a 94	84	198	Totais	9056	12986	Total Geral	22042	
Idade	Homens	Mulheres																																																											
60 a 64	5803	7089																																																											
65 a 69	3756	4972																																																											
70 a 74	2563	3835																																																											
75 a 79	1610	2857																																																											
80 a 84	908	2018																																																											
85 a 89	349	851																																																											
90 a 94	101	292																																																											
Totais	15090	21914																																																											
Total Geral	37004																																																												
Idade	Homens	Mulheres																																																											
60 a 64	3503	4276																																																											
65 a 69	2273	3014																																																											
70 a 74	1501	2242																																																											
75 a 79	932	1609																																																											
80 a 84	532	1131																																																											
85 a 89	231	516																																																											
90 a 94	84	198																																																											
Totais	9056	12986																																																											
Total Geral	22042																																																												
<p>PSICOGRÁFICOS (estilos de vida, atitudes)</p>	<p>As pessoas idosas têm, cada vez mais, vem demonstrando interesse no engajamento em ações relevantes na busca de alternativas . Existe uma grande preocupação em melhorar e dar qualidade de vida dos idosos, por meio de políticas públicas e programas em todos os níveis. Em relação ao voluntariado, dois aspectos devem ser considerados: o voluntariado realizado para o público idoso e o voluntariado realizado pelo público idoso.</p>																																																												
<p>COMPORTAMENTAIS (ocasiões de compra, hábitos de consumo, benefícios procurados, taxas de uso)</p>	<p>Conforme fontes de IBGE e SPC Brasil, algumas características do mercado de consumo brasileiro formado por pessoas com 60 anos de idade ou mais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - renda salarial média 30% maior se comparada à de adultos com até 59 anos; - 80% utilizam Whatsapp rotineiramente; - 70% usam Facebook rotineiramente; - 40% fazem exercícios semanalmente; 																																																												

E assim foi definido como público alvo: Educadores; Cuidadores de Idosos; Voluntários; Idosos que já participam de grupos organizados; Público em geral. Sendo que em no caso específico, pretende-se garantir a participação dos

envolvidos através da articulação de um grupo organizador com representantes dos segmentos/parceiros que serão convidados/consultados para tal finalidade:

- SESC Canoas.
- Prefeitura Municipal de Canoas - Centro de Convivência do Idoso.
- Prefeitura Municipal de São Leopoldo.
- Unisinos, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos, Pró-Maior de São Leopoldo.
- Ulbra (Ulbrati) e Núcleo de Estudos e Atenção Geronto/Geriátrica (NEAGG).
- Conselhos Municipais da Pessoa Idosa de Canoas e São Leopoldo.

3.3 Definição do Posicionamento de Mercado: Como o Cliente Vê o Seu Negócio

	Concorrente A	Concorrente B	Concorrente C
ATUAÇÃO	Em decadência	Baixa/restrita	Forte
PÚBLICO-ALVO	Idoso	Não consta	Idoso
PONTOS FORTES	Preço baixo	Atuação em POA	Estrutura
PONTOS FRACOS	Baixa Qualidade	Problemas jurídicos	Alto preço
ESTRATÉGIAS UTILIZADAS	Preços baixos e gratuidade	TV, merchandising	Proximidade com o público

A – ULBRA/Canoas; B - UNIRITTER; C – UNISINOS.

Vantagens Competitivas	Meu produto	A	B	C
Parcerias relevantes com o Poder Público	SIM	NÃO	NÃO	SIM
Parcerias Empresariais e outras	SIM	SIM	NÃO	SIM

Instituições de Ensino				
Envolvimento do público alvo	SIM	SIM	NÃO	SIM
Foco na temática	SIM	SIM	NÃO	SIM

A – ULBRA/Canoas; B - UNIRITTER; C – UNISINOS.

3.4 Definição da Marca

Nome: O Lúdico e a Velhice

Símbolo: Baú de Brinquedos

Slogan: “MEMÓRIA SOCIAL E BRINCADEIRAS NA ATENÇÃO À PESSOA IDOSA”

3.5 Definição de Objetivos e Metas

Metas	Prazo
- Mapeamento de Práticas Lúdicas com idosos	
- Composição da equipe da Instituição La Salle	
- Contato e convite para integrantes da equipe organizadora	
- Contatos e articulações de motivação e mobilização dos grupos	
- Realização do Curso	
- Sistematização do relatório	
- Monitoramento do projeto	
- Avaliação e sistematização final	

3.6 Definição das Estratégias de Marketing

Produto: CURSO DE EXTENSÃO - “PRÁTICAS E SABERES NA ATENÇÃO À PESSOA IDOSA”

Com o objetivo de conhecer e compartilhar a boas práticas lúdicas realizadas nos grupos de idosos/as dos municípios de Canoas e São Leopoldo, e incentivar gestores, profissionais, voluntários a relatarem e/ou apresentarem suas práticas no

Curso de Extensão. Desta forma, fomentar estratégias e ações que contribuam para qualificar as atividades inserindo atividades lúdicas dentro da concepção de um trabalho que valoriza o conhecimento da pessoa, que tenha espaço e pessoas que a escutem, que possa ser protagonista. As experiências serão previamente inscritas e selecionadas, cuja apresentação acontecerá no evento.

Ao longo do Evento poderão acontecer momentos de debate e intercâmbio de ideias sobre diversos aspectos da ludicidade e do brincar na velhice. Cada um destes momentos deve ser estruturado para propiciar trocas de experiências, servindo como elo e descoberta de oportunidades e recomendações entre os participantes para abordar a temática da memória lúdica. Contando com moderadores e apoio de representantes de parceiros convidados, trazendo ao debate diversos casos de referência na respectiva área temática. Pode haver relatos que serão apresentados em plenária final compartilhando as ideias de cada grupo com todo o público participante. Um curso dedicado às iniciativas de participantes e grupos interessados em compartilhar vivências, propostas e questionamentos em campos temáticos de: Atividades lúdicas nas ILPIs (Asilos, Clínicas Geriátricas); Atividades intergeracionais (aberto para escolas); Relatos de estudo e pesquisas sobre – Lembranças da infância de velhos; etc.

Preço

O Curso de Extensão que será realizado poderá não ter custos para os participantes que apresentarão práticas. E terá um custo de R\$ 40,00 para quem solicitar certificado. Sendo que a atividade pode ser considerada uma estratégia de marketing para conseguir novos alunos para para as atividades desenvolvidas pela UNATI, e ao mesmo tempo estará contribuindo para uma causa de relevância social e cultural. Além disso, o objetivo está na produção de conhecimentos, interlocução de saberes.

Praça (Local da realização do Curso)

O planejamento do Curso de Extensão, assim a sua realização devem partir da Instituição Unilasalle, pela sua localização e estrutura adequada. Possui também os canais de comunicação que permitem acesso à população em questão. O acesso

e o fluxo de pessoas à estrutura e equipamentos da Instituição La Salle durante o evento deve ser considerado um fator positivo, sendo uma oportunidade para demonstrar suas atividades e serviços. Outro ponto relevante está nas parcerias com o órgão governamental do Município de Canoas na temática do idoso, conforme demonstrado anteriormente. A articulação e a formação de um grupo organizador do evento podem potencializar as estratégias de marketing uma vez que favorece a divulgação em diferentes momentos e espaços.

Considerando o contexto de pandemia, expansão da EAD e da tendência para o ensino híbrido, pode ser estudada a viabilidade para execução da proposta na modalidade EAD ou Semipresencial.

Promoção – Estratégias promocionais

Estratégia de promoção	Descrição/detalhamento
Visitas aos grupos de idosos	
Internet	(facebook, instagram),

3.7 Etapas de Implementação do Plano de Marketing

AÇÃO	RESPONSÁVEL	PERÍODO
Curso de Extensão	Unilasalle	12h
Elaboração convite parceiros	Discente com supervisão dos orientadores	Duas semanas
Reunião com parceiros	Todos	3h
Elaboração Folders virtual	Discente com supervisão	4h
Divulgação	Unilasalle, setor de Marketing	Dois meses
Contato com palestrantes		À definir
Logística do Curso		À definir

4 FINANCEIRO: CUSTOS

O valor do curso de extensão de 16 horas/aula é de, aproximadamente, R\$ 6.094,00 (conforme planilha). Este valor inclui os custos de certificação, pagamento de corpo docente, encargos sociais, locação de espaço e material. Haverá variação

no cálculo do custo, conforme a composição do corpo docente, da necessidade de material de apoio e a eventual cedência dos espaços físicos e docentes.

A avaliadora técnica Jussara Rauth, convidada para dar o parecer sobre a proposta do Curso de Extensão, sugeriu que este projeto fosse submetido a futuro edital do Fundo Estadual pelo Conselho Estadual da Pessoa Idosa, de modo a candidatar-se a tal financiamento, considerando - conforme o texto da avaliadora - tratar-se de “uma proposta bem interessante de política pública”. Tendo em vista que o Curso proposto tem o objetivo de contribuir com os gestores municipais da Educação para cumprir o artigo 22 do Estatuto da Pessoa Idosa, tal fato representa uma oportunidade. Além disso, é interessante a identificação de possibilidades de financiamento através de outros editais públicos e privados específicos e que atendam demandas relacionadas aos direitos das pessoas idosas. Estes editais de seleção são lançados periodicamente pelos Fundos Estaduais e outros.

O investimento no desenvolvimento cultural e social das empresas parte de um entendimento da melhoria de vida das pessoas e na solução de problemas sociais, e conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento econômico. Partindo da hipótese de que uma comunidade pode se tornar mais humanas através da articulação das pessoas, empresas e governantes fazendo marketing para o financiamento das ações que visam apontar novas possibilidades e caminhos para o desenvolvimento cultural e social, buscando evidenciar o potencial gerador de bem-estar social e econômico.

Neste caso os instrumentos de marketing servem para articular o potencial de expressão cultural e social e ao mesmo tempo para atender as necessidades de um projeto.

Pesquisas realizadas apontam o envelhecimento da população, neste sentido a questão da oferta de atividades culturais para pessoas idosas há, de um lado, um enorme potencial e de outro uma grande demanda faltando exatamente o elo entre empresas buscando “diferenciar sua imagem e comunicar-se com públicos específicos e o de artistas e agentes culturais”.

Doações feitas pelas empresas geralmente possibilitam ações culturais e sociais pontuais de impacto, às vezes, projetos inovadores e que não seriam possíveis de outra forma.

4.1 Estimativa de Custos

Realização de curso (40 pessoas -16 horas presenciais)				
Especificação	Unidade	Qtde.	Valor Unitário	Valor total
Palestrante 3 dias x 4h	h-aula	12	100,00	1.200,00
Encargos (20%)	h-aula	12	20,00	240,00
Coffee Break (apenas no 1º dia)		40	40,00	1.600,00
Banner		1	190,00	190,00
Serviços da arte do folder virtual		1	200,00	200,00
Certificação		40	15,00	600,00
Água e copos	bombonas	4	16,00	64,00
Disponibilização de espaço (4 turnos)	Turno	4	100,00	400,00
Material Didático (40 alunos)		40	40,00	1.600,00
Valor total das 16 horas				6.094,00

REFERÊNCIAS

DORNELAS, J. C. A.. **Empreendedorismo**: transformando ideias em Negócios. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

FUNDAÇÃO LA SALLE. Fundação La Salle realiza formação para idosos de Canoas. 2019. Disponível em: <https://fundacaolasalle.org.br/noticia/fundacao-la-salle-realiza-formacao-para-idosos-de-canoas/>. Acesso em: out. 2019

GOMES, Isabela Motta. Manual. **Como Elaborar um Plano de Marketing**. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 2005.

JORNAL DO COMERCIO. **Reforma em centro para idosos deve ser entregue neste mês**. 2019. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/jornal_cidades/2019/08/696358-reforma-em-centro-para-idosos-deve-ser-entregue-neste-mes.html. Acesso em: out. 2019.

SESC. **Sesc Canoas promove programação especial em comemoração ao Mês do Idoso**. 2019. Disponível em: <https://www.sesc-rs.com.br/noticias/sesc-canoas-promove-programacao-especial-em-comemoracao-ao-mes-do-idoso/>. Acesso em: out. 2019.

ULBRATI. Ulbra Campus Canoas. **Ulbra na Terceira Idade inicia as atividades de 2018**. 2018. Disponível em: <https://www.ulbra.br/canoas/imprensa/noticia/25230/ulbra-na-terceira-idade-inicia-as-atividades-de-2018>. Acesso em: out. 2019.

UNIVERSIDADE La Salle. Projetos de Extensão. Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/canoas/mais/projetos-extensao>. Acesso em: out. 2019.

UNISINOS. **Programa Pró-Maior**. 2019. Disponível em: <http://www.unisinos.br/extensao/acao-social/programas/programa-pro-maior>. Acesso em: out. 2019.

ANEXO

RESUMO DO PROGRAMA DO CURSO

“PRÁTICAS E SABERES NA ATENÇÃO À PESSOA IDOSA”

Objetivo: Conhecer e compartilhar as práticas lúdicas realizadas nos grupos de idosos/as dos municípios de Canoas e São Leopoldo, e incentivar gestores, profissionais, voluntários a relatarem e/ou apresentarem suas práticas no Curso de Extensão. Fomentar estratégias e ações que contribuam para qualificar as atividades inserindo atividades lúdicas dentro da concepção de um trabalho que valoriza o conhecimento da pessoa, criando espaços de escuta, troca e diálogo, potencializando a autonomia/protagonismo.

Público alvo: Idosos que já participam de grupos organizados; Educadores;
Público em geral.

Duração: Curso tem 16h, um encontro semanal de 4h durante um mês.

1º Encontro – Evocação de imagens lembranças de laços afetivos em sua infância. Apresentação individual – Reconhecendo espaços (Brinquedoteca Unilasalle). Colocar a disposição brinquedos antigos. Os participantes serão convidados a trazer os seus (antigos ou confeccionados). Sugestão da atividade em pequenos grupos: Serão convidados a falar sobre o próprio ou escolhendo algum daqueles disponíveis.

2º Encontro – Qualidade de vida; Autonomia; Direito do idoso ao lúdico (A Política Nacional do Idoso, Lei Nº 8.842/1994, art. 1º assegura os direitos sociais dos idosos, visa criar condições para promover a autonomia, integração e participação efetiva na sociedade). O quê a pessoa idosa tem a nos dizer? Espaços e momentos para ouvir o idoso, falar das suas experiências (lúdicas), sonhos, sua visão sobre a contemporaneidade, etc. (Obs.: Pensando aqui na Professora Luciane e a apresentação de alguma experiência interessante).

3º Encontro – Continuação do tema do encontro anterior com ênfase nas experiências lúdicas. O cidadão idoso como produtor da cultura. Refletir sobre a importância da ludicidade como fator de integração do idoso no contexto familiar e social, e ao mesmo tempo um estímulo para o exercício de sua cidadania. Relato e apresentação de uma experiência que tem o foco da ludicidade. Identificar fontes dos espaços lúdicos nas políticas públicas, nas Instituições de Longa Permanência para Idosos, nas famílias, etc.

4º Encontro: Tema: Experiências Intergeracional envolvendo crianças/idosos. Conhecer fontes que estabelecem as relações intergeracionais com a dimensão lúdica da vida.

Evocar a memória através da utilização de livros de literatura infantil.

Oficinas - “Brincando na velhice”, memórias dos idosos sobre brinquedos e brincadeiras. Organizado conjuntamente com os participantes do curso. Encontro aberto para população em geral.

Organizadores:

Parceiros (ver possibilidade):

Interno (La Salle):

Externos:

SESC/Canoas.

Prefeitura Municipal de Canoas - Centro de Convivência do Idoso.

Prefeitura Municipal de São Leopoldo.

Unisinos, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos, Pró-Maior de São Leopoldo.

Ulbra (Ulbrati) e Núcleo de Estudos e Atenção Geronto Geriátrica (NEAGG).

Conselhos Municipais da Pessoa Idosa de Canoas e São Leopoldo.

Listando (ou mapeando) algumas experiências intergeracionais nas escolas:

Escola São João, Rede La Salle. Porto Alegre. “4º ano: memória compartilhada entre as gerações”. Do livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” A relação de amizade entre um menino e uma idosa que perdeu a memória.

<http://lasalle.edu.br/saojoao/sobre-o-colegio/noticia-detalle/16979>.

A cidade para as novas gerações sob o olhar de quem ajudou a construir a história local. Atividade “Um olhar fotográfico da nossa cidade”, que é desenvolvida pelo grupo Maturidade Ativa do Sesc Lajeado. <https://www.sesc-rs.com.br/noticias/criancas-sao-convidadas-ver-cidade-pela-perspectiva-dos-idosos-em-lajeado/>.

São Leopoldo institui a Lei Semana do Brincar através de Lei. Artigos III menciona o resgate de brincadeiras tradicionais como forma de preservação a recriação do patrimônio lúdico da sociedade; e IV - o encontro intercultural e intergeracional em torno das brincadeiras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a excepcionalidade do momento histórico que vivemos com a instauração da quarentena no país como forma de controle da transmissão da Covid-19, parece necessário mencionar algumas palavras especificamente para aquilo que esse fato representa para os idosos. No espaço de apenas alguns meses, a vida das pessoas se transformou radicalmente em todo o mundo, especialmente para os idosos que são o principal grupo de risco para esta pandemia. Além das consequências drásticas para a saúde das pessoas diretamente afetadas pelo vírus, a doença teve grandes implicações na maneira como os idosos vivem e lidam com a situação, afetando profundamente o seu bem-estar físico e mental. O preconceito e o estigma se acentuaram, evidenciados nos discursos “vamos deixar os velhos em casa”, “só vão morrer os mais velhos, que já viveram muito” e “os jovens precisam trabalhar, não vamos parar por conta dos mais velhinhos”. Ou ainda através de memes zombando deles, caricaturizados como teimosos e desobedientes. Literalmente, um peso para a sociedade, como se fosse possível e racional admitir que os velhos morressem para “salvar a economia”.

Por medida de segurança, muitas pessoas idosas perderam seu bem mais precioso: a liberdade de ir e vir. Antes, eles podiam ir ao mercado, à farmácia, organizar os bailes, frequentar o teatro, o cinema, encontrar com os amigos, participar dos grupos de idosos, etc. Sentem-se recebendo ordens o tempo todo. A velhice é associada à imobilidade, à doença, à incapacidade, à inutilidade. É preciso compreender a realidade deles e juntos encontrar alternativas, de forma que eles se sintam úteis e participantes das soluções e do cuidado com os outros. Tomando decisões sobre o cuidado de si mesmo e de outras pessoas. No entanto, foi possível perceber que, no atual contexto, parece que passou a prevalecer uma forte tendência para silenciar a fala e a própria memória viva das pessoas idosas. Assim a manutenção de um diálogo entre as gerações passa a ser um desafio cotidiano.

O curso de extensão “Memória Social e Brincadeiras na Atenção com Idosos” foi pensado, criada e avaliado nesse momento delicado em que vivemos. Seu objetivo é incentivar gestores e profissionais no campo do envelhecimento para a elaboração de estratégias e de projetos sócio-culturais que coloquem em prática

ações envolvendo experiências lúdicas e o brincar. Apesar das dificuldades e dos ajustes metodológicos, consegui entrar em contato com conceitos importantes para embasar as questões teóricas que referendaram o tema da memória coletiva, do reconhecimento e da valorização das pessoas idosas como guardiãs de memórias relevantes para a vida contemporânea.

Um dos temas que sempre motivou minhas reflexões é relevância da transmissão intergeracional de saberes e fazeres. Esse tema é destacado no documento Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 19) e no Estatuto da Pessoa Idosa, que fazem referência ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso. Ao valorizar o conhecimento presente na memória dos velhos na intersecção com o lúdico, o projeto de curso de extensão que criei colabora para a “reconstrução” de aspectos instituintes da cultura. Além disso, os aspectos aqui apresentados, pautados nas lembranças dos brinquedos e brincadeiras, constituem bons indicativos de perspectivas para intervenções intergeracionais em ambientes formais e não formais.

A transmissão intergeracional é capaz de produzir uma visão mais positiva do idoso, ao considera-lo como portador de experiências e cidadão participativo, contribuindo para os rumos de seu destino e do destino das novas gerações. E isso se dá, antes de tudo, no âmbito de uma mudança política, especificamente, das políticas educacionais e da Assistência Social. Somente assim, a pessoa idosa deve ser compreendida como ser social, potencial transmissor de memórias e patrimônio para a sociedade na qual está inserida, como descrito na Constituição da República Brasileira (Brasil, 1988), Art. 216, que trata a respeito do patrimônio: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 1988).

A minha expectativa com este trabalho e o projeto de curso de extensão é que ambos contribuam ao debate e para a superação de preconceitos existentes no universo das novas gerações. Espero que as discussões e concepções sobre a velhice continuem se transformando por meio da interação entre as diversas gerações, contribuindo para dar visibilidade e consolidar a afirmação de aspectos positivos do envelhecimento e da Terceira Idade. Além de ampliar a compreensão

das dificuldades decorrentes do envelhecimento físico e das deficiências próprias da idade. É preciso pensar em estratégias inovadoras que contemplem os tempos de isolamento, a situação de idosos com dificuldades de locomoção e uso das ferramentas digitais a fim de reconstruir redes sociais ou fomentar contatos. Ainda estamos distantes do reconhecimento das potencialidades das pessoas idosas e que o curso possa contribuir para transmissão da cultura do brincar, permitindo que as novas gerações se apropriem de experiências culturais e sociais de seus antepassados. Tornando-se, assim, um processo de produção, transmissão, transformação, recriação e conservação da cultura.

Neste trabalho, destaquei os aspectos lúdicos e a memória social no envelhecer. É importante mencionar a necessidade de ouvir e estimular o relato das lembranças dolorosas, e garantir que estas encontrem ouvidos atentos. Certamente terão um significado ainda maior, pois a dor, o preconceito e a desilusão caminharam lado a lado com muitos idosos durante sua infância. Na minha experiência, esses sentimentos estão presentes nas conversas cotidianas das pessoas idosas. O sentimento da superação do sofrimento parece estar latente ou manifesto. Ocorre também uma mistura de sentimentos contraditórios de alívio e de arrependimento, ou culpa por não ter feito diferente. Assim, inserir-se ou participar de um novo projeto pode fazer a diferença entre participação e isolamento.

Finalizo este trabalho agradecendo a oportunidade da submissão da proposta a pesquisadores externos. Para mim, a avaliação de especialistas representou uma oportunidade de avanço e um momento de conexão e interlocução com quem se encontra diretamente envolvido com a defesa dos direitos das pessoas idosas. E ao mesmo tempo, uma avaliação de quem tem o olhar da realidade concreta e está em contato constante com o tema, refletindo uma real capacidade crítica sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. Pequena contribuição à história dos jogos e brincadeiras. In: ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981, p. 42-74.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas Marcus Vinicius Mazzari. SP: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

_____, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____, Ecléa. **O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____, Ecléa. Uma experiência humanizadora. **Revista na Ponta do Lápis**. São Paulo, v.5, n. 11, 2009.

BRANDÃO, L.; SMITH, V.; SPERB, T. M.; PARENTE, M. A. M. P.. Narrativas Intergeracionais. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, v. 19, n. 1, p. 98-105, 2006.

BRASIL. **Decreto Nº 4.682, de 24 de janeiro de 1923**. Crea, em cada uma das empresas de estradas de ferro existentes no país, uma caixa de aposentadoria e pensões para os respectivos empregados.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: ago. 2019.

BRASIL. **Lei no 10.741, de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, 24(2), 103-116. S (1998)

<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>. Acesso em Set. 2019.

_____. **Brinquedo e cultura**. 7ª ed. Cortez, São Paulo, 2008.

CAMARANO, Ana Amélia; BARBOSA, Pamela. Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: Do que se está falando? In. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. (Org.) Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano e Karla Cristina Giacomini. Rio de Janeiro, 2016. p. 479 – 512.

CARVALHO, Malô; ARMANI, Suzete. **Gente de muitos anos**. Coleção no caminho da cidadania. Autêntica. SP. 2009.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, p. 428-431, nov./dez., 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000600012&lng=en&nrm=iso. Acesso em Nov. 2020.

DEBERT, Guita Grin. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 12, n. 34, p. 39-56, 1997.

_____, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de privatização do envelhecimento. São Paulo. Edusp, 1999.

_____, Guita Grin. A família e as novas políticas no contexto brasileiro. Interseções. Rio de Janeiro, v 3, n. 2, p. 71-92, 2001.

_____, Guita Grin; OLIVEIRA, Gláucia S. Destro de. Os Dilemas da Democracia nos Conselhos de Idosos. *In*: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina (Org.). **Política nacional do idoso**: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: Ipea, p. 515 – 535, 2016.

DORNELAS, J. C. A.. **Empreendedorismo**: transformando ideias em Negócios. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva: SESC. 1999.

FERRIGNO, Jose Carlos. **O conflito de gerações**: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, 2009.

FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Ilustrado por Julie Vivas. **O que é Memória?** Tradução de Gildade Aquino. 8. ed. São Paulo: Brinque-book, 1995.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da; BARRETO, Márcia Simão Linhares. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 519-531, Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232010000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jan. 2020.

FUNDAÇÃO LA SALLE. Fundação La Salle realiza formação para idosos de Canoas. 2019. Disponível em: <https://fundacaolasalle.org.br/noticia/fundacao-la-salle-realiza-formacao-para-idosos-de-canoas/>. Acesso em: out. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Isabela Motta. Manual. **Como Elaborar um Plano de Marketing**. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 2005.

GRAEFF, Lucas. Os Tempos no Asilo: Uma reflexão sobre uma experiência de estágio em Psicologia Social. In: **Estud. interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 5, p. 137-149, 2003.

_____, Lucas. **O mundo da velhice e a cultura asilar**: estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique em Porto Alegre. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

_____, Lucas. Instituições Totais e a Questão Asilar: uma abordagem compreensiva. **Estud. interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 11, p. 9-27, 2007 .

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértices, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura – Cap. 1 Natureza e Significado do Jogo como Fenômeno Cultural, Ed Perspectiva, SP, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Idosos indicam caminhos para uma melhor idade**. 2019. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html>. Acesso em: ago. 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 17 out. 2020.

JORNAL DO COMERCIO. **Reforma em centro para idosos deve ser entregue neste mês**. 2019. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/jornal_cidades/2019/08/696358-reforma-em-centro-para-idosos-deve-ser-entregue-neste-mes.html. Acesso em: out. 2019.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em out. 2020.

MARIN, Elizara Carolina; RIBAS, João Francisco Magno (orgs.). **Jogo Tradicional e Cultura**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MEDEIROS, Francisco Emílio de. **As dimensões lúdicas da experiência de infância**: Entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”. 290 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/96023/298469.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 out. 2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. O Jogo e a Educação Infantil. *Perspectiva*. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 22, p. 105-128. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10745>>. Acesso em: out. 2020.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing** – 10. ed, 7ª reimpressão. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

OLIVEIRA, F. R. de; CORREA, M. R. O Asilo, a Escola e a Universidade: A Coeducação e o Processo de Intergeracionalidade. In: **A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas**, v. 2. Solange Aparecida de Souza Monteiro (org.). Atena Editora. Ponta Grossa (PR): 2019.

PEREIRA, Luciene Aparecida Pinto Costa. Um olhar sobre a infância e as brincadeiras infantis a partir de relato de idosos da cidade de mineiros. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 18, n. 1, p. 110-122, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/684/68459083011.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020,

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/0>. Acesso em: 15 fev. 2016.

_____, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/0>. Acesso em: 15 fev. 2016.

RAUTH, Jussara; PY, Ligia. A História por Trás da Lei: o histórico, as articulações de movimentos sociais e científicos, e as lideranças políticas envolvidas no processo de constituição da Política Nacional do Idoso. In. **Política nacional do idoso**: velhas e

novas questões. (Org.) Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano e Karla Cristina Giacomini, Rio de Janeiro, IPEA, p. 515–535, 2016.

SANTANA, A. L. J. de M.; VOLPI, A. A.; FONSECA, J. W. F. da. Análise de viabilidade econômica dos negócios sociais. In: SANTANA, A. L. J. de M.; VOLPI, A. A.; FONSECA, J. W. F. **Empreendedorismo com foco em negócios sociais**. Curitiba: UFPR, NITS, p. 11-29, 2015.

SESC. **Sesc Canoas promove programação especial em comemoração ao Mês do Idoso**. 2019. Disponível em: <https://www.sesc-rs.com.br/noticias/sesc-canoas-promove-programacao-especial-em-comemoracao-ao-mes-do-idoso/>. Acesso em: 17 out. 2019.

SIMÕES, Júlio Assis. **Entre o lobby e as ruas**: movimento de aposentados e politização da aposentadoria. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2000.

ULBRATI. Ulbra Campus Canoas. **Ulbra na Terceira Idade inicia as atividades de 2018**. 2018. Disponível em: <https://www.ulbra.br/canoas/imprensa/noticia/25230/ulbra-na-terceira-idade-inicia-as-atividades-de-2018>. Acesso em: 17 out. 2019.

UNIVERSIDADE La Salle. **Projetos de Extensão**. Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/canoas/mais/projetos-extensao>. Acesso em: 17 out. 2019.

UNISINOS. **Programa Pró-Maior**. 2019. Disponível em: <http://www.unisinos.br/extensao/acao-social/programas/programa-pro-maior>. Acesso em: 17 out. 2019.